

Litoral EmCena

PROGRAMAÇÃO . 2021



AJAGATO

Associação Juvenil Amigos do GATO

Centro de Actividades Pedagógicas
Alda Guerreiro
7500-160 Vila Nova de Santo André
Telf. 269 751 296
geral@gatosa.net
www.gatosa.net

DIRECTOR | PROGRAMADOR

Mário Primo

PRODUÇÃO

Tomás Porto

DESIGN GRÁFICO

Ricardo Lychnos

COMUNICAÇÃO E IMPRENSA

Ângela Nobre

SECRETARIADO

Ana Cristina Nunes

ADMINISTRAÇÃO

Mina Covas

PARCERIAS ESTRATÉGICAS



CO-FINANCIAMENTO



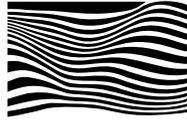
APOIOS



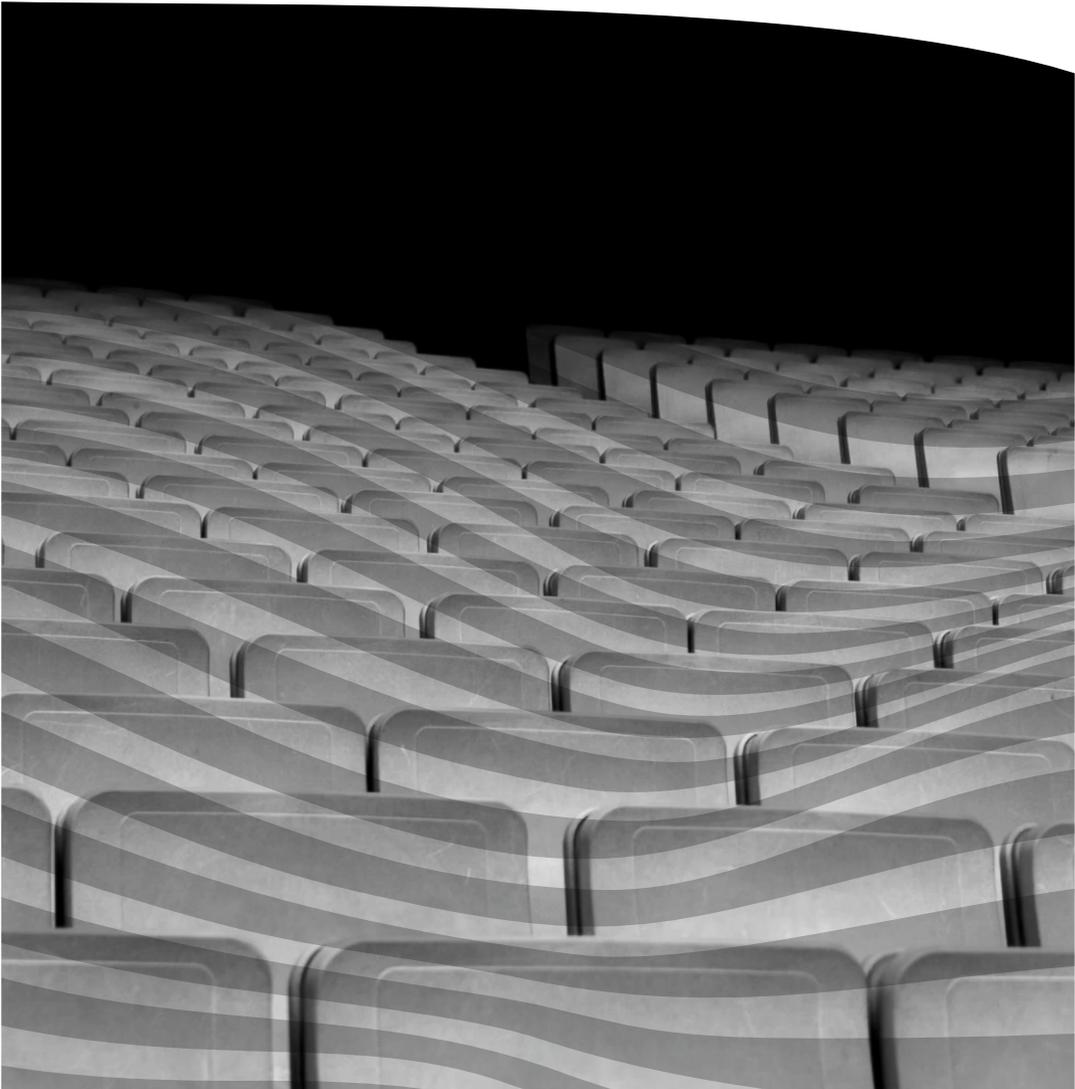
REN

PARCEIROS MEDIA





Litoral
EmCena



LITORAL EmCena

TEXTO DE ABERTURA

O LITORAL EmCena surge na linha dos projectos realizados ao longo de 30 anos pelo GATO SA e pela AJAGATO.

O sucesso dessas iniciativas demonstra que, **com estratégias adequadas e propósitos bem definidos, é possível gerar uma adesão de público genuinamente interessado pelo teatro** mesmo quando não existe, à partida, qualquer dinâmica anterior, como foi o caso de Santo André, onde tudo começou.

É certo que sem instrução e sem cultura não é possível desenvolver o hábito da frequência dos teatros e que, aos Ministérios da Educação e da Cultura, devia caber a responsabilidade de promover uma verdadeira política de desenvolvimento cultural do país.

Infelizmente estamos longe de um panorama equilibrado em todo o território quer ao nível das infraestruturas para as artes de palco quer ao nível das dinâmicas enraizadas e sustentadas pelo interesse da população.

Deste modo, maior relevo ganham estes projectos da sociedade civil, apoiados pelo poder local e pelas sinergias que conseguem reunir.

Acreditamos que o teatro pode interessar ao grande público e daí este LITORAL EmCena, porventura o nosso projecto mais arrojado de sempre, sobretudo pela abrangência territorial, já que envolve os concelhos de Santiago do Cacém e de Sines.

O carácter intermunicipal do projecto permitiu elaborar uma candidatura ao FEDER, aberta no âmbito do consórcio Entre a Serra e o Mar liderado pela Rota Vicentina e apoiado pelo Programa Operacional Alentejo 2020. A candidatura teve o apoio do Dr. Josué Caldeira da C.M. de Santiago a quem agradecemos esse importante contributo.

Aprovados 201.504€ de despesas elegíveis para o biénio 2021 e 2022, o projecto conta com 85% de financiamento comunitário, sendo o restante assegurado pelas duas autarquias parceiras.

As despesas não elegíveis ascendem a cerca de 60.000€ para o que contamos também com o apoio dos dois municípios e de patrocínios de algumas empresas e instituições : Hotel VilaPark; Administ. Porto de Sines; Águas de Stº André; Fundação INATEL; Junta Freg. de Stº André.

Em nome da AJAGATO quero agradecer formalmente o apoio dos municípios de Santiago do Cacém e de Sines bem como dos patrocinadores já mencionados. De todos somos credores do interesse e da colaboração dada ao projecto que, aliás, foi distinguido pela Srª Ministra da Cultura como de Interesse Cultural colocando-o ao abrigo da Lei do Mecenato.

O LITORAL EmCena foi concebido para este território intermunicipal, em que as populações circulam por razões de trabalho, comércio e lazer. Esta abrangência permite conjugar esforços, rentabilizar recursos e dar ao projecto maior potencial e uma maior escala e visibilidade.



Vale a pena sublinhar alguns aspectos que o caracterizam:

1. Trata-se de uma programação regular de espectáculos profissionais a apresentar nas três cidades vizinhas, mas em que, alguns deles, se estendem também às freguesias dos dois concelhos, durante os meses de Verão, aproveitando e estimulando a presença de veraneantes;
2. Um programa estruturado como um festival de longa duração, incluindo outras actividades complementares como a formação específica, conferências, informação detalhada sobre os espectáculos, exposições, etc.;
3. O LITORAL EmCena continua a assumir o desígnio de **"Escola do espectador"**, dando-lhe informação detalhada e estimulando o sentido crítico com propostas de variadas linguagens estéticas e artísticas e o contacto com o trabalho de companhias nacionais e internacionais de referência.

É certo que ninguém nasce a gostar de teatro, mas **pode aprender a gostar** se for iniciado com boas práticas.

Os critérios da programação são assim da maior importância e, neste caso, assentam nas linhas de orientação que caracterizam a AJAGATO:

1. O respeito pelo teatro e pelo público, apresentando espectáculos não selectivos que, ao invés de excluir, atraíam a população indiferenciada;

2. A procura de projectos capazes de enriquecer a dinâmica cultural nesta comunidade;

3. A preferência pelo Teatro Global, da palavra e do corpo, do texto e do gesto, da imagem, da música e do movimento;

4. A procura do Teatro de Arte, dirigido não apenas à compreensão da peça mas à pluralidade dos sentidos.

5. A preferência por um "Teatro Aberto" mas com uma dramaturgia consistente, que sem levar o público pela mão, também não o deixe perdido, com a sensação de inferioridade intelectual ou de incapacidade para entender o espectáculo.

6. Um teatro que não seja só para passar o tempo. Que divirta mas que apele à sensibilidade e à emoção, que interrogue e faça pensar, que estimule a imaginação a criatividade e o sentido crítico dos espectadores.

Finalmente quero enfatizar a importância de se perceber com objectividade os resultados concretos da actividade. **O teatro faz-se para o público**, por isso importa perceber o impacto que tem e o lastro que deixa... daí a necessidade da auscultação dos espectadores e das suas apreciações, bem como a análise estatística de dados, acções da maior importância para a avaliação e reorientação do projecto.

Termino esta apresentação geral formulando votos de que, apesar da pandemia, 2021 e 2022 sejam anos de afirmação e consolidação do teatro e de reforço da **"marca" diferenciadora desta região** como importante Centro de Criação, Reflexão e Promoção teatrais.

TEATRO



TUDO É RELATIVO! A COMUNA, TEATRO DE PESQUISA

SINES | V. N. SANTO ANDRÉ | SANTIAGO DO CACÉM

26 A 28 . MAIO

Pág. 8 & 9



A PAZ PERPÉTUA FONTENOVA

SANTIAGO DO CACÉM | V. N. SANTO ANDRÉ | SINES

10 A 12 . JUNHO

Pág. 10 & 11



UM IVANOV A BARRACA

SANTIAGO DO CACÉM | V. N. SANTO ANDRÉ | SINES

24 A 26 . JUNHO

Pág. 12 & 13



SORRISO TEATRO SÓ

SANTIAGO DO CACÉM | V. N. SANTO ANDRÉ
LAGOA DE SANTO ANDRÉ | SINES | PORTO COVO

NOVAS DATAS

7, 8 E 17 . SETEMBRO

Pág. 14 & 15



SOU EU ESTE, ESTAÇÃO TEATRAL

PORTO COVO | SINES | ERMIDAS | ALVALADE | ABELA | CERCAL
LAGOA DE SANTO ANDRÉ | SÃO DOMINGOS | SÃO FRANCISCO

14 A 24 . AGOSTO

Pág. 16 & 17



MUTABILIA TEATRO DO MAR

SANTIAGO DO CACÉM | V. N. SANTO ANDRÉ

CANCELADO

Pág. 18 & 21



SNOWED IN BODECKER & NEANDER Cª

SINES | V. N. SANTO ANDRÉ | SANTIAGO DO CACÉM

9 A 11 . SETEMBRO

Pág. 22 & 25



VAI VEM GATO SA

V. N. SANTO ANDRÉ

22 A 24 . SETEMBRO

Pág. 26 & 29



DONODONADA VARAZIM TEATRO

SINES | V. N. SANTO ANDRÉ | SANTIAGO DO CACÉM

7 A 9 . OUTUBRO

Pág. 30 & 31



POURQUOI LES VIEUX, QUI N'ONT RIEN À FAIRE... TRAVERSENT-ILS AU FEU ROUGE COLLECTIF 2222

SANTIAGO DO CACÉM | V. N. SANTO ANDRÉ | SINES

21 A 23 . OUTUBRO

Pág. 32 & 35

TEATRO**A CORAGEM DA MINHA MÃE** ARTISTAS UNIDOS**11 A 13 . NOVEMBRO**

SINES | V. N. SANTO ANDRÉ | SANTIAGO DO CACÉM

Pág. 36 & 39

**PRIMEIRO AMOR** PEDRO DIOGO**25 A 27 . NOVEMBRO**

SANTIAGO DO CACÉM | V. N. SANTO ANDRÉ | SINES

Pág. 40 & 41

**KARNAVAL** GIRAFFE ROYAL THEATRE**9 A 11 . DEZEMBRO**

SINES | V. N. SANTO ANDRÉ | SANTIAGO DO CACÉM

Pág. 42 & 43

EXPOSIÇÕES**A LAGOA** VICTORMAR**MAIO A JUNHO / SETEMBRO / OUTUBRO**

SANTIAGO DO CACÉM | SINES | V. N. SANTO ANDRÉ

Pág. 44 & 45

NOS BOSQUES DO DEMO NÉ MAGALHAIS**MAIO A JUNHO / SETEMBRO / NOVEMBRO**

SINES | V. N. SANTO ANDRÉ | SANTIAGO DO CACÉM

Pág. 46 & 47

N261 PAULO PINHEIRO**MAIO A JUNHO / SETEMBRO / NOVEMBRO**

SINES | V. N. SANTO ANDRÉ | SANTIAGO DO CACÉM

Pág. 48 & 49

O QUE É O TEATRO? TERRITÓRIO ARTES**MAIO A JUNHO / SETEMBRO / OUTUBRO**

V. N. SANTO ANDRÉ | SANTIAGO DO CACÉM | SINES

Pág. 50 & 51

WORKSHOPS**ESTÉTICA DA ILUMINAÇÃO TEATRAL** DANIEL WORM D'ASSUMPÇÃO**5 A 8 . JULHO**

SANTIAGO DO CACÉM | SINES | V. N. SANTO ANDRÉ

Pág. 52

CHOREODRAMA LIONEL MÉNARD**28 A 30 . OUTUBRO**

V. N. SANTO ANDRÉ

Pág. 53

TUDO É RELATIVO!

Uma comédia para celebrar a vida

COMPANHIA DE TEATRO

A COMUNA, TEATRO DE PESQUISA

(Portugal)



DATAS . LOCAIS

26 MAI SINES
QUARTA-FEIRA . 19H30
Auditório Centro de Artes de Sines

27 MAI V. N. SANTO ANDRÉ
QUINTA-FEIRA . 19H30
Auditório ESPAM

28 MAI SANTIAGO DO CACÉM
SEXTA-FEIRA . 19H30
Auditório Municipal António Chainho

BILHETES: 5€ / 3€ *

DURAÇÃO: 80min

CLASSIFICAÇÃO: M12

LOCAIS DE VENDA:

- Auditório Municipal António Chainho
- Centro de Artes de Sines
- Teatroteca – Centro de Actividades Pedagógicas Alda Guerreiro

consultar a página 54 para visualização dos pontos de venda bem como **desconto em bilhetes**

Sinopse

Miguel e Maria Ana vivem juntos, mas Miguel suspeita de que não é o único homem na vida dela. Fica a cismar no facto de Maria Ana "ir visitar os pais" e decide segui-la. Na realidade Maria Ana vai visitar um amante consideravelmente mais velho do que ela, mas apenas com a intenção de terminar com ele. Miguel acha que o ex-amante e a sua respectiva mulher são mesmo os pais de Maria Ana. A chegada de Maria Ana cria uma situação verdadeiramente hilariante.

Tudo é relativo!!

Sobre o autor

Dramaturgo e director de teatro, Sir Alan Ayckbourn escreveu até hoje 85 peças. A última, "The Girl Next Door", estreou em junho de 2021 no Stephen Joseph Theatre, onde quase todas as suas peças continuam a ser apresentadas pela primeira vez e onde ele foi Director Artístico durante 37 anos.

As suas peças foram traduzidas em mais de 35 idiomas e são apresentadas em todo o mundo, tendo ganho inúmeros prémios.

Este ano marca o 60º aniversário da sua carreira profissional de direcção, que conta com mais de 350 produções em Scarborough, Londres e nos EUA.

Alan Ayckbourn recebeu muitos Doutoramentos Honoris Causain incluindo, em 2018, o primeiro atribuído pela Coventry University de Scarborough. A Universidade de York adquiriu o seu arquivo em 2011. Recebeu o Prémio do Círculo da Crítica pelos Serviços prestados às Artes. Admitido no "American Theatre's Hall of Fame " tornou-se o primeiro dramaturgo britânico a receber os prémios Olivier e Tony pelo conjunto da sua obra. Foi nomeado cavaleiro em 1997 por serviços prestados ao teatro.

Fonte: www.alanayckbourn.net

Ficha Técnica e Artística

Autoria: Alan Ayckbourn | **Versão Cénica e Encenação:** Hugo Franco | **Com:** Carlos Paulo, Maria de Aires, Maria Ana Filipe, Miguel Sermão | **Desenho de Luz:** Paulo Graça | **Fotografia Cena:** Bruno Simão | **Imagem:** R2com Design Gráfico \ Comuna | **Fotografia:** Bruno Simão | **Spot Publicitário \ Vídeo:** Tiago Leão | **Técnicos de Montagem:** Renato Godinho, Assunção Dias | **Operador Luz e Som:** Rogério Vale | **Assistência Geral:** Selma Meira, Assunção Dias | **Assistente Produção:** Catarina Picciochi | **Gabinete de Produção:** Rosário Silva, Carlos Bernardo.

TEATRO

A PAZ PERPÉTUA

COMPANHIA DE TEATRO

FONTENOVA

(Portugal)



DATAS . LOCAIS

10 JUN SANTIAGO DO CACÉM
QUINTA-FEIRA . 19H30
Auditório Municipal António Chainho

11 JUN V. N. SANTO ANDRÉ
SEXTA-FEIRA . 19H30
Auditório ESPAM

12 JUN SINES
SÁBADO . 19H30
Auditório Centro de Artes de Sines

BILHETES: 5€ / 3€ *

DURAÇÃO: 80min

CLASSIFICAÇÃO: M12

LOCAIS DE VENDA:

- Auditório Municipal António Chainho
- Centro de Artes de Sines
- Teatroteca – Centro de Actividades Pedagógicas Alda Guerreiro

consultar a página 54 para visualização dos pontos de venda bem como ***desconto em bilhetes**

Sinopse

Hannah Arendt defendia na "Banalidade do Mal" que, em resultado da massificação da sociedade, se criou uma multidão incapaz de fazer julgamentos morais, razão porque aceitam e cumprem ordens sem questionar. A "Paz Perpétua" de Mayorga traz-nos novamente a essa realidade de Arendt, onde a Paz se constrói na falta de moralidade. Referindo-se o próprio título da obra de Mayorga ao ensaio filosófico de Kant que reflecte a eterna questão "será que os fins justificam todos os meios?", deixamos a premissa de uma reflexão demasiado actual: onde é que as medidas de segurança acabam e onde é que começa o terrorismo? O autor espanhol oferece-nos uma metáfora à ameaça terrorista global, três cães a competir por um lugar num corpo de elite de combate antiterrorista. Com o humor, por vezes negro, mas de um requinte de quem explora mais as suas dúvidas do que certezas, o autor ao dar às suas personagens a forma de animais, pode explorar ideias e conceitos que de tão brutais seriam inconcebíveis sair da boca de um ser humano, o que permite alargar a fronteira catártica desta sua metáfora.



Ficha Técnica e Artística

Encenação: José Maria Dias | **Assistência de Encenação:** Graziela Dias | **Tradução:** Luísa Monteiro | **Interpretação:** Carlos Pereira, Fábio Nóbrega Vaz, Graziela Dias, Patrícia Paixão, Sara Túbio Costa | **Apoio à Fisicalidade:** Ricardo Gaete | **Coreografia Cenas de Luta:** Carlos Pereira e Eduardo Dias | **Cenografia:** José Manuel Castanheira | **Figurinos:** Lucília Telmo | **Sonoplastia:** Emídio Buchinho | **Temas:** "Beyond", "Game Over", "Corrupt By Design", "Violence Machine" e "Unto the Frost" | **Imagem e Design de Comunicação:** Flávia Rodrigues Piątkiewicz | **Fotografia, Vídeo e Técnica:** Leonardo Silva | **Fotografia:** Helena Tomás | **Produção Executiva e Comunicação:** Graziela Dias e Patrícia Paixão | **Apoio à Produção e Comunicação:** Tomás Barão | **Agradecimentos:** Sara Batista | **Estrutura Financiada por:** República Portuguesa – Direção-Geral das Artes e Município de Setúbal | **Aviso:** Este espectáculo utiliza luz estroboscópica.

UM IVANOV

Um Ivanov ou Ensaio sobre a mentira

COMPANHIA DE TEATRO

A BARRACA

(Portugal)



DATAS . LOCAIS

24 JUN SANTIAGO DO CACÉM
QUINTA-FEIRA . 19H30
Auditório Municipal António Chainho

25 JUN V. N. SANTO ANDRÉ
SEXTA-FEIRA . 19H30
Auditório ESPAM

26 JUN SINES
SÁBADO . 19H30
Auditório Centro de Artes de Sines

BILHETES: 5€ / 3€ *

DURAÇÃO: 2h com intervalo

CLASSIFICAÇÃO: M12

LOCAIS DE VENDA:

- Auditório Municipal António Chainho
- Centro de Artes de Sines
- Teatroteca – Centro de Actividades Pedagógicas Alda Guerreiro

consultar a página 54 para visualização dos pontos de venda bem como *desconto em bilhetes

Sobre o espectáculo

A 15 de Março de 2020 encerrámos as portas do Teatro Cinearte ao público e aos companheiros da Barraca, que até Maio se mantiveram confinados, suspendendo os espectáculos em cena: "A Torre de Babel"; as peças integrantes do nosso serviço educativo - "1936 - O Ano da Morte de Ricardo Reis" e "A Farsa de Inês Pereira"; os ensaios de "Ivanov" e a preparação da dramaturgia de "O Elogio da Loucura".

Durante o período da quarentena, naquela solidão aterradora, fui tendo sentimentos misturados sobre a minha querida obra de Tchekhov de que a razão parecia levar-me a desistir. Rearrumei a minha biblioteca e fui pensando. Reencontrei obras sobre as pestes, reli Camus, Artaud, Jack London, Poe.

A situação tendia para substituir o que tínhamos em mãos e pensar tudo outra vez. Mas uma reflexão mais calma levou-me às razões pelas quais eu queria tanto fazer esta peça.

Final a pandemia só era tão assustadora porque o estado do mundo já era assustador: a pobreza, o abandono dos fracos, o aquecimento global, a saúde, o ensino, a cultura a esbracejarem de incompreensão, nos países ricos e pobres, e o mundo a calar-se ou a mentir. Milhões de pessoas a morrerem de fome e outros milhares de milhões a serem gastos por muito poucos a inventar uma rota de fuga para um novo planeta sem riscos... Mentiras. Factos alternativos. Mentiras.

Então voltei aos temas da minha peça: a revelação da mentira e da calúnia assassina como crime e a condenação do mundo que exige uma impossível coragem aos pobres, aos doentes, aos velhos, aos deprimidos. A mentira que mata e a obrigação de resistência a quem não tem onde ir buscá-la.

E reavaliei aquela opinião que gritava de dentro das televisões "é preciso fazer tudo a partir da nova situação da pandemia" e repensei "é preciso fazer tudo a partir da valorização do ser humano". É isso, o mundo tem de ser revisto pelos olhos agudos de Tchekhov, é preciso verdade, tolerância, generosidade e justiça.

E uma espada desembainhada contra a mentira e a demagogia.

Maria do Céu Guerra



Ficha Técnica e Artística

Dramaturgia e encenação: Maria do Céu Guerra | **Tradução:** Sinda Filipe | **Música original:** António Victorino de Almeida | **Elenco:** Adérito Lopes, João Maria Pinto, João Teixeira, Maria do Céu Guerra, Rita Soares, Ruben Garcia, Samuel Moura, Sérgio Moras, Rita Lello e Teresa Mello Sampayo | **Assistentes:** Vasco Lello e João Teixeira | **Direcção técnica e desenho de luz:** Vasco Letria | **Equipa técnica de operação:** Ruy Santos e Ruben Esteves | **Modista:** Alda Cabrita | **Costureira:** Zélia Santos | **Cartaz:** Luís Henriques | **Fotografia:** Maria Abranches

SORRISO

*Espectáculo poético sobre o amor
e as recordações*

COMPANHIA DE TEATRO

TEATRO SÓ

(Alemanha / Portugal)



DATAS . LOCAIS

7 SET PORTO COVO
TERÇA-FEIRA . 17H00
Largo do Marquês

7 SET SINES
TERÇA-FEIRA . 21H30
Castelo

8 SET LAGOA DE SANTO ANDRÉ
QUARTA-FEIRA . 17H00
Parque de Estacionamento

8 SET V. N. SANTO ANDRÉ
QUARTA-FEIRA . 21H30
Parque Central

17 SET SANTIAGO DO CACÉM
SEXTA-FEIRA . 21H30
Quinta do Chafariz

NOVAS DATAS

BILHETES: Entrada livre
DURAÇÃO: 35min
CLASSIFICAÇÃO: Para todos

*Um espectáculo para
toda a família!*

Sinopse

Como se escreve uma história de amor, de um amor que perdura no tempo, preenche uma vida até ao seu crepúsculo e que nunca acaba para aquele que recorda o passado?! Esta história de amor não se inspira na morte heróica de Romeu e Julieta, mas sim na vida comum de um velho casal para quem o amor se consumou numa vida de sorrisos. A morte de um assombra a solidão do outro. Uma solidão cuja força das lembranças dá vida a fantasmas que não desistem de amar os que ficam, zelosos anjos de guarda, invisíveis amantes cujos beijos são feitos de vento. O que partiu está ausente, porém a sua alma acompanha o que ficou, habita o ar daquele que o amou, aguarda o reencontro sabendo que a vida continua - só para quem está entre nós? A solidão e o envelhecimento são um tema recorrente nas peças do Teatro Só. Porém, as personagens não são tocadas pelo desespero, mas sim pela reflexão dos gestos e pela gratidão da memória. A palavra "recordação" vem do francês "recour" (re-coração). Recordar é isso: fazer passar pelo coração, uma e outra vez...

Sobre a companhia

TEATRO SÓ é uma companhia de teatro Portuguesa sediada em Berlim [Alemanha] e Odemira [Portugal] a desenvolver um trabalho multidisciplinar relacionando artes circenses, técnica de máscara, teatro físico e artes plásticas. Todas estas componentes convergem para um teatro imagético, mudo, visualmente poético em que a comunicação entre os actores e o público se desenvolve pela gestualidade. Os temas em cena tocam directamente os estigmas sociais, transversais a diversas culturas e gerações, nos quais o público é testemunha de si mesmo, não pelo uso da palavra, mas pela poesia visual e linguagem emocional do corpo. Esta aparente simplicidade do TEATRO SÓ, representa a própria simplicidade da condição humana, uma fragilidade que qualquer um de nós entende independentemente da nacionalidade, religião ou condição social. Esta dimensão universal do TEATRO SÓ é levada para a rua, o palco do mundo, no qual a expressão artística é acessível a todos. A companhia TEATRO SÓ está sediada oficialmente na Kunstquartier Bethanien em Berlim, pertence à plataforma Performance Artists in Bethanien e é membro da Associação de Teatro de Rua de Alemanha.



Ficha Técnica e Artística

Encenação e dramaturgia: Sérgio Fernandes | **Actores:** Ana Gabriel, Sérgio Fernandes | **Espaço cénico:** Criação colectiva | **Música original:** Ferdinand Breil | **Guarda-roupa:** Ana baleia | **Máscara:** Nuno pino custódio
Cenário (banco): Luis Lino, Eddie Dörner | **Operador de som:** João Veiga

SOU EU

Inspirado em "O sorriso ao pé da escada"
de Henry Miller

COMPANHIA DE TEATRO

ESTE - ESTAÇÃO TEATRAL

(Portugal)



DATAS . LOCAIS

14 AGO ERMIDAS
SÁBADO . 21H30
Jardim Público de Ermidas

15 AGO ALVALADE
DOMINGO . 21H30
Largo D. Manuel I

16 AGO ABELA
SEGUNDA-FEIRA . 21H30
Largo Coronel Carlos Jesus Vilhena

18 AGO CERCAL
QUARTA-FEIRA . 21H30
Praça de Touros

19 AGO LAGOA DE SANTO ANDRÉ
QUINTA-FEIRA . 21H30
Parque de estacionamento

20 AGO SÃO DOMINGOS
SEXTA-FEIRA . 21H30
Largo 25 de abril

21 AGO SÃO FRANCISCO
SÁBADO . 21H30
Polidesportivo da Cruz de João Mendes

23 AGO SANTIAGO DO CACÉM
SEGUNDA-FEIRA . 21H30
Quinta do Chafariz

24 AGO SINES
TERÇA-FEIRA . 21H30
Castelo

BILHETES: Entrada livre

DURAÇÃO: 50min

CLASSIFICAÇÃO: Para todos

Sinopse

"Sou eu" recorre à poesia visual, um impulso empático entre actor e espectador, unidos no encontro irrepitível do teatro. O actor é aqui um criador de impulsos na busca da felicidade, da sua e do outro, onde o recurso privilegiado, mais que a linguagem, é o da emoção, esta sim, universal.

Em eternos retornos persistimos, existimos e resistimos. Não por altruísmo, mas pela inevitável trajectória da matéria-prima de que somos feitos, não deixando que o mundo se torne cinzento, frio, distante, autómato.

Um artista resguarda-se na memória, e mesmo que tudo falhe, essa permite-lhe manter vivos os lugares onde despertou alegria em corações alheios e, assim, vê a sua árdua tarefa validada.

Sobre a companhia

Na génese da Estação Teatral, em 2004, está a complementaridade de dois impulsos motores que, em sinergia, desembocam na compatibilidade entre (1) a pesquisa de uma IDEIA DE TEATRO, num movimento sem fronteiras, e (2) o diálogo em cumplicidade com a COMUNIDADE do seu contexto: a Beira Interior. "Mãe preta", primeira criação, inscreve já todo um ADN que se repercute até hoje, ora nos ensinamentos de ferramentas do antigo, como a MÁSCARA, ora na inspiração em teatros tradicionais/populares, como a manipulação de marionetas, ora ainda na dimensão de um TEATRO TOTAL dada pela prática dos contadores de histórias, ora, finalmente, pela perspectiva que faz imantar a arte da ENCENAÇÃO como o centro da escrita, numa autonomia proporcionada por uma DRAMATURGIA DO VER onde texto escrito é contemporâneo do ensaio. Peças como "Pax Romana" (2006), "A verdadeira história da Tomada do Carvalhal" (2007), "Cozinheiros" (2009), "Volfrâmio" (2011), "A entrada do rei" (2014), "Terra sonâmbula" (2015), "Há Beira na revolta" (2017), "Coração que é livre fica" (2018) ou mais recentemente "A Avenida, uma chama viva onde quer que viva" (2019) inscreveram-se justamente em princípios éticos/ estéticos que não apenas desembocaram numa corrente de público muito expressiva mas que consolidaram uma rede de itinerância pelo território nacional, hoje, património inestimável que alarga o futuro. A ESTE já actuou em Espanha, Alemanha, Cabo Verde e Brasil, frequentemente complementando os trabalhos com oficinas em torno da metodologia no campo da formação do actor que vem desenvolvendo. Medalha de Mérito Cultural pelo edil da sua cidade em 2013.

Ficha Técnica e Artística

Encenação: Sérgio Fernandes | **Dramaturgia:** Sérgio Fernandes, Joana Poejo e Tiago Poiares

Interpretação: Tiago Poiares e Gonçalo Baptista (músico) | **Figurinos e Concepção plástica:** Ana Baleia

Música: Gonçalo Baptista | **Desenho de luz e operação técnica:** Pedro Fino

Assistência de Encenação: Pedro Diogo | **Criação de ilusionismo:** José Pereira

Produção executiva: Joana Poejo | **Fotografia:** Miguel Proença | **Desenho de Comunicação:** Puretugal

Direcção de Produção: Alexandre Barata | **Distribuição (Espanha):** Cesar Arias / Marmore

TEATRO

MUTABILIA

COMPANHIA DE TEATRO

TEATRO DO MAR

(Portugal)

CANCELADO

BILHETES: Entrada livre
DURAÇÃO: 40min
CLASSIFICAÇÃO: Para todos

Sobre o espectáculo

MUTABILIA é um espectáculo de circo contemporâneo e teatro físico, assente numa estrutura cenográfica oscilante e mutante.

É uma metáfora à instabilidade do nosso tempo, pretendendo estimular a reflexão, entre outras, sobre a importância das relações humanas, como actos de liberdade e expressão, de construção.

A acção (equilíbrio, acrobacia aérea, dança, etc.), decorre numa estrutura cénica minimalista, inspirada numa ideia de "casa", alterando ao longo do espectáculo. Assente num único eixo, frágil, o seu equilíbrio dependerá dos elementos (intérpretes) que o habitam e sustentam.

A cenografia contém, nos seus aspectos formais, conteúdos intrínsecos à dramaturgia da criação, partindo de princípios relacionados com fragilidade e força, equilíbrio e instabilidade, segurança e tensão, prisão e liberdade, entre outras, numa ligação entre os corpos e a arquitectura do objecto. Reflecte também, simultânea e metaforicamente, sobre as relações humanas e o seu paralelismo simbólico na forma como construímos e habitamos os espaços privados.

A estrutura cénica, a aludir claramente a uma "casa", e a sua permanente transformação arquitectónica, uma vez instalada na rua, alterará a visão sobre o local onde é montada.

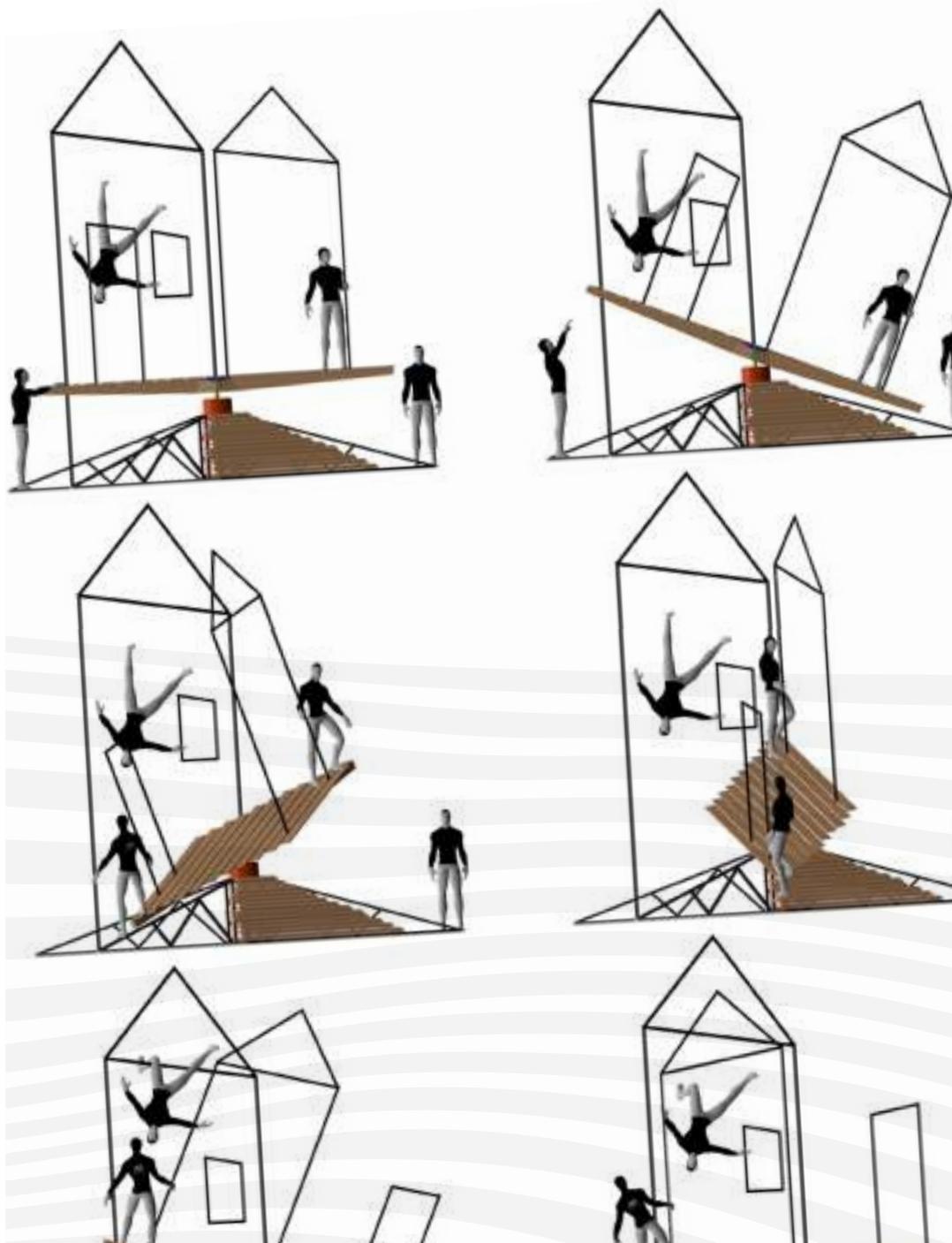
O processo criativo visa, também, analisar a vivência das emoções na perspectiva da sua contaminação do corpo e do espaço. O espectáculo será interpretado por dois acrobatas/performers. Juntam-se à direcção artística e aos intérpretes um músico, um cenógrafo e um construtor, na reflexão e design de um trabalho que visa a relação entre corpo e arquitectura, movimento e espaço, relações humanas e cidade.

As obras "Amor Líquido" de Zygmund Bauman, as "Cidades Invisíveis" de Ítalo Calvino, o filme argentino "Medianeras" de Gustavo Taretto, o documentário "Urbanized" de Gary Hustwit, serão, entre outros, inspiração e reflexão para a criação artística e para a escrita de uma "história" que vá ao encontro dos propósitos temáticos e dramáticos deste projecto.

O treino dos intérpretes, numa relação directa com a estrutura e a adaptação e design da mesma, decorrerá numa evolução gradual e paralela com o seu uso e manipulação. O trabalho acrobático assentará em técnicas de equilíbrio, suspensão, forças combinadas, acrobacia aérea e manipulação de objectos, ao qual se fundirão códigos da dança e do teatro.

A opção artística para este trabalho decorre de reflexões e experiências anteriores da Companhia, no seu trabalho multidisciplinar, do qual o circo contemporâneo é parte integrante há vários anos, em encontrar novas dramaturgias e metodologias de criação, que coloquem em reflexão o mesmo na sua convivência com outras disciplinas artísticas, procurando dar-lhe um sentido artístico, sociopolítico e estético.





Sobre a companhia

O Teatro do Mar surgiu em Sines, Portugal, a 8 de Março de 1986, fundado por Julieta Aurora Santos (sua Directora Artística e Encenadora) e pelo já falecido Actor e Encenador Vladimir Franklin.

Os espectáculos reflectem, na sua generalidade, essencialmente sobre temáticas cujo enfoque é o homem contemporâneo e a sua condição existencial face a uma ideia de progresso e a consequente transformação da sua identidade e das suas memórias afectivas e culturais.

Numa constante reflexão e exploração de novos territórios artísticos, a Companhia desenvolve um trabalho de investigação e criação particularmente vocacionados para o espaço público (teatro de rua). Investindo numa criação dramaturgica própria – seja a partir de temáticas e/ou adaptação de obras literárias – e num trabalho multidisciplinar, cruza um teatro essencialmente físico com o circo, a dança, as formas animadas, a música original e as novas tecnologias do vídeo, na busca de um significado comum e global e da afirmação de uma linguagem de carácter universal, passível de ser entendida por qualquer tipo de públicos...

O Teatro do Mar já se apresentou em centenas de Festivais, com audiências de milhares de espectadores, em Portugal e em vários Festivais Internacionais de mais de uma dezena de países europeus e também no Brasil, tendo tido, muitas vezes, honras de abertura e encerramento dos mesmos.

Para além de levar os seus espectáculos um pouco por todo o país e estrangeiro, a Companhia assume um importante papel de agente cultural na sua cidade e região, sobretudo através de criações artísticas com a comunidade e do seu Serviço Educativo. Tem, desde a sua génese, um protocolo anual com a Câmara Municipal de Sines e, desde 1999, o apoio regular da Direcção Geral das Artes/Ministério da Cultura.

Em reconhecimento pelo trabalho desenvolvido, foi-lhe atribuída a Medalha de Mérito Cultural da Cidade de Sines, em 1999. A sua Directora Artística recebe, em 2001, o Prémio da Região Turismo da Costa Azul, pelos serviços culturais prestados à região e ao país.

Ficha Técnica e Artística

Conceito e Direcção: Julieta Aurora Santos | **Interpretação:** Carlos Campos, Inês Oliveira
Banda Sonora: Tiago Inuit | **Cenografia:** Teatro do Mar | **Figurinos e Adereços:** Adriana Freitas
Operação Técnica: Luís João Mosteias, Luís Santos | **Direcção Financeira e Gestão:** Sónia Custódio
Direcção de Produção: Frederico Salvador | **Produção:** Roberta Marques

SNOWED IN

... it's far and away the highest form of top-quality mime... a feast for the eyes

DNN

COMPANHIA DE TEATRO

BODECKER & NEANDER C^A

(Alemanha)



DATAS . LOCAIS

9 SET SINES

QUINTA-FEIRA . 21H30
Auditório Centro de Artes de Sines

10 SET V. N. SANTO ANDRÉ

SEXTA-FEIRA . 21H30
Auditório ESPAM

11 SET SANTIAGO DO CACÉM

SABADO . 21H30
Auditório Municipal António Chainho

BILHETES: 5€ / 3€ *

DURAÇÃO: 75min

CLASSIFICAÇÃO: M6

LOCAIS DE VENDA:

- Auditório Municipal António Chainho
- Centro de Artes de Sines
- Teatroteca – Centro de Actividades Pedagógicas Alda Guerreiro

consultar a página 54 para visualização dos pontos de venda bem como **desconto em bilhetes**

Sinopse

Os sete habitantes de uma aldeia nas montanhas vivem completamente isolados. Uma noite, a aldeia foi assolada por uma tempestade de neve que durou vários anos e deixou as pessoas num sono igualmente longo. À medida que todos os moradores acordam, eles fazem uma descoberta simples e maravilhosa.

A solidão parece ter acabado de agora em diante ... Os sonhos de cada um são as histórias dessa noite de teatro sem palavras.

Sobre a companhia

A produção de BODECKER & NEANDER, transporta-nos rapidamente para o mundo dos sonhos, o país dos nossos desejos. O seu teatro visual e poético, pleno de humor, ilusão, emoção e música, provoca "tempestades" de entusiasmo.

As suas aventuras são cómicas mas sérias. BODECKER & NEANDER garantem um humor apurado e de uma profundidade comovente. Wolfram von Bodecker e Alexander Neander fundaram a companhia após uma "tournée" internacional como parceiros de palco da companhia de Marcel Marceau.

As suas actuações silenciosas e expressivas tornaram Wolfram von Bodecker e Alexander Neander figuras importantes no nordeste da Alemanha. Quando os dois protegidos do lendário mimo Marcel Marceau dão vida aos seus heróis em palco, levam o público numa emocionante viagem às alturas da imaginação.

A imaginação é a passagem que leva o público - adultos e crianças - ao país dos seus desejos e à utopia.



Ficha Técnica e Artística

Encenação: Lionel Menard | **Elenco:** Wolfram von Bodecker | Alexander Neander

Desenho de Luz: Werner Wallner

Lionel Ménard: “O que me move é transcender a imagem para que o texto nunca falhe”

Sempre pensou mais em imagens do que em forma de palavras, desde os tempos de escola. Quando pela primeira vez entrou num teatro, viu um espectáculo de Marcel Marceau e fez-se luz: queria aprender com ele.

Além da técnica, aprendeu ritmo e lealdade, lições que o acompanharam pela vida fora, no palco e fora dele.

Hoje, Lionel Ménard é um criador de imagens fortes, e consegue fazê-lo com cenários minimalistas. Considera que o teatro gestual fala uma língua universal que transmite emoções e essas podem ser percebidas em qualquer parte do mundo. Será caso para dizer que uma imagem vale mais que mil palavras?

O que o levou a entrar no mundo dos espectáculos sem texto?

Nos meus cadernos escolares havia o que se chamava de margens para separar o ditado da aula de matemática. Era um espaço onde todos podiam desenhar, pintar como quisessem. Era o meu espaço livre entre os muitos erros de ditado e os erros de cálculo na matemática. Desenhei histórias lá, sem qualquer palavra, como numa banda desenhada. Adorei. Tenho a sensação de que, 53 anos depois, transformei isso no meu trabalho.

Trabalhou com Marcel Marceau durante 10 anos. Como surgiu essa oportunidade?

Como parte de meus estudos universitários, fui aconselhado a ir ver o seu espectáculo. Não tinha qualquer cultura teatral e nunca tinha entrado num teatro. No entanto, quando Marcel Marceau apareceu no palco, tive a sensação de que já o tinha visto, como se o personagem 'Bip' fizesse parte do meu inconsciente. Foi uma revelação. Eu sabia no final do espectáculo o que queria fazer. Não era necessariamente ser um mimo, mas trabalhar com Marcel Marceau, aprendendo a sua técnica.

Houve algo que se destacou para você durante essa experiência?

Acho que aí aprendi o meu ofício. Do ponto de vista artístico, o mais importante era o ritmo. É um valor fundamental de todas as artes. Do ponto de vista humano, a lealdade. Como assistente de direcção, queria renovar a equipa, trazer sangue fresco e defender a sua grande lealdade. Foi uma grande lição de humanidade.

Também os actores que vão subir ao palco com o espectáculo Snowed In! trabalharam com ele. Essa ligação é importante no trabalho que desenvolvem actualmente em conjunto?

Alexandre e Wolfram são, por assim dizer, “les derniers des mohicans”, como dizemos em francês. São os últimos actores próximos do estilo e da poesia de Marcel Marceau. Falamos a mesma língua, entendemos-nos, criamos e desenvolvemos conceitos muito rapidamente. O último espectáculo que Marcel Marceau viu foi a nossa primeira criação 'Out Of The Blue'. Ele está sempre connosco quando fazemos os nossos espectáculos.

“Snowed In” conta a história do fim da solidão dos habitantes de uma aldeia isolada. Podemos dizer que existe aqui um paralelo com os tempos em que vivemos hoje?

Este espectáculo foi criado antes da pandemia. O que me motivou foi escrever uma história que fizesse a apologia da troca, do encontro e da partilha. Não sabia como, infelizmente, esse tema seria premonitório.

As restrições impostas pela pandemia fecharam salas de espectáculo e fronteiras em muitos países, limitando a actividade cultural. Como têm enfrentado esta situação?

Enfrentamos esse período a criar. Na Alemanha, muitas companhias receberam bolsas para apoiar a actividade artística. Eu escrevi um projecto sobre a Arca de Noé. Um homem que se lança no louco projecto de salvar a humanidade do dilúvio construindo um teatro ... uma arca onde se poderia continuar a sonhar com o dia seguinte ... Estamos prontos, prontos para o apresentar só não sabemos quando será a estreia...

O teatro físico, visual, sem texto levou-o a viajar por todo o mundo. A imagem e o gesto são linguagens universais. Tem trabalhado também com actores de diferentes nacionalidades, em diferentes países. Sentiu que os espectáculos eram compreendidos pelo público da mesma forma onde quer que estivesse?

Acredito que o desafio é sempre desenvolver uma obra Universal. Fiquei surpreendido ao ver, como intérprete, que assim era com Marcel Marceau ou Philippe Genty, que de facto para o público de todo o mundo, a



recepção das emoções era idêntica. Apenas a forma de expressá-los mudou de acordo com a cultura. No que diz respeito à compreensão, procuro dar ao público a liberdade de fazer uma leitura pessoal da história. Para que todos se possam identificar directa ou indirectamente com os protagonistas.

Como supera o desafio de trabalhar sem texto?

Na verdade, para mim, a palavra superar não é apropriada, porque Isso não é um problema. Desde o início que penso em imagem, penso em emoção ... O que me move é transcender a imagem para que o texto não faça falta. É outra maneira de pensar sobre a cena. No início eu não escrevia nada nas margens porque tinha medo de erros de ortografia. Hoje os meus actores não falam porque eu sei que é nos momentos de silêncio que eles revelam muito mais de si mesmos.

Nota: tradução livre da entrevista feita originalmente em francês

VAI VEM

Lo peor no fue que nos arrojaran del paraíso lo más grave es que deseemos regresar a él

Estanislao Zuleta

COMPANHIA DE TEATRO

GATO SA

(Portugal)



DATAS . LOCAIS

22, 23 e 24 SET

V. N. SANTO ANDRÉ

QUARTA E QUINTA-FEIRA . 21H30
Auditório CAPAG

BILHETES: 5€ / 3€ *

DURAÇÃO: 70min

CLASSIFICAÇÃO: M6

LOCAIS DE VENDA:

- Auditório Municipal António Chainho
- Centro de Artes de Sines
- Teatroteca – Centro de Actividades Pedagógicas Alda Guerreiro

consultar a página 54 para visualização dos pontos de venda bem como **desconto em bilhetes**

Sinopse

Um homem, um motivo, um lugar e começa a viagem. Quatro personagens, as suas histórias, um naufrágio e o alto mar. Encontrar o amor, escapar ao passado, fugir ao dever e encontrar um lugar onde voltar a semear, motivam a decisão de partir destes seres que sem bilhetes de volta soçobram num oceano imenso. Uma viagem incerta, inacabada e infinita, aparece suspensa num cenário através de mínimos relatos que nos lembram o Homem, tão familiar e enigmático, tão próprio como estranho, tão migrante como estático.

Vai Vem é uma viagem visual onde o corpo e o silêncio são os protagonistas. Inspirada na migração como território visual e no teatro físico como ferramenta narrativa, a obra apresenta as personagens como sombras sem tempo que deambulam cruzando as suas histórias e, como um caleidoscópio, nos falam dos desapareços, da ilusão, dos vazios humanos, dos medos, da solidão, do amor, da vida e dos impulsos que nos levam a partir.



"Espectáculo extremamente belo, de uma poesia que se pode dizer realista – as pessoas, as coisas, os elementos, as emoções, os sustos, as derrotas, as esperanças, a luta e a luz. Tudo isto se sente numa encenação primorosamente inventiva servida por actores de elevada qualidade técnica corporal e mímica e de enorme expressividade. Uma belíssima surpresa a não perder."

Hélder Costa
Encenador e dramaturgo



Sobre o projecto

O projecto surge na sequência da realização em Santo André de oficinas de formação em Teatro Físico e Gestual em 2012 e 2014, sob a direcção de Juan Carlos Agudelo Plata e da apresentação de duas obras teatrais da CASA DEL SILENCIO, companhia que dirige em Bogotá. Os dois espectáculos, "Woyzeck" e "Kokoro" surpreenderam pela qualidade e rigor do trabalho físico dos actores, assente nas técnicas de Étienne Decroux e na experiência de uma década de trabalho do encenador com Marcel Marceau. Como metodologia trabalhámos a partir de acções físicas e de rotinas pessoais estilizadas, suportadas pelos componentes basilares da técnica de Decroux: dinamismo ritmos, marchas e figuras. O processo a aplicar nesta montagem partiu dum laboratório de criação para explorar e decifrar as diferentes possibilidades corporais, expressivas e de síntese que a linguagem física potencia, tendo em vista uma aproximação a territórios de um imaginário não realista.

Sobre a companhia

Desde 1988 que o Grupo de Teatro de Santo André desenvolve actividades de experimentação e pesquisa, bem como de formação de actores e de público e ainda de criação e promoção teatrais. Desta intensa actividade surgiu em 1999 a AJAGATO com os seus principais projectos: a Mostra Internacional de Teatro de Santo André e a revista cultural Cena's.

O Gato SA montou até hoje 38 produções teatrais e ainda 15 obras de parceria com outras entidades. Vários dos actores, que iniciaram a sua formação no grupo, seguiram estudos superiores especializados e integram agora as produções profissionais como é o caso de Vai Vem.

O Gato SA ganhou em 1994 o primeiro prémio do III Festival de Teatro Vicentino promovido pela companhia A BARRACA de Lisboa e foi distinguido pela Presidência da República Portuguesa em 1998. As autarquias locais atribuíram medalhas de mérito ao GATO SA e à AJAGATO em 1991, 2009 e em 2012.



Ficha Técnica e Artística

Encenação: Juan Carlos Agudelo Plata | **Dramaturgia:** Ángela Valderrama
Interpretação: Helena Rosa, Marina Leonardo, Raul Oliveira, Tomás Porto
Assessoria: Mário Primo | **Desenho de Luz:** Rui Senos | **Sonoplastia:** Jorge Oliveira
Animações Multimédia: Nuno Cintrão | Rui Senos | **Máscaras:** Helena Rosa, Mário Primo, Tomás Porto
Montagem e Operação Técnica: Paulo Vargues | **Adereços e figurinos:** Colectivo
Fotografia: José Mónica, Paulo Chaves, Victormar | **Produção:** AJAGATO

DONODONADA

COMPANHIA DE TEATRO

COMPANHIA CERTA

(Portugal)



DATAS . LOCAIS

7 OUT SINES
QUINTA-FEIRA . HORA A DEFINIR
Auditório Centro de Artes de Sines

8 OUT V. N. SANTO ANDRÉ
SEXTA-FEIRA . HORA A DEFINIR
Auditório ESPAM

9 OUT SANTIAGO DO CACÉM
SABADO . HORA A DEFINIR
Auditório Municipal António Chainho

BILHETES: 5€ / 3€ *

DURAÇÃO: 50min

CLASSIFICAÇÃO: M3

LOCAIS DE VENDA:

- Auditório Municipal António Chainho
- Centro de Artes de Sines
- Teatroteca – Centro de Actividades Pedagógicas Alda Guerreiro

consultar a página 54 para visualização dos pontos de venda bem como **desconto em bilhetes**

Sobre o espectáculo

DoNoDoNaDa é um espectáculo destinado a todo o público dos 3 aos 103 anos. É uma parábola sem palavras onde os gestos e os movimentos dos actores não precisam do texto para se fazer entender. A música tem uma importância fundamental, porque acompanha constantemente as acções, enfatiza as intenções e modula as emoções.

Dentro de uma atmosfera lúdica criada a partir de um dispositivo cénico feito de madeira, cartão e papel, os personagens (inspirados no cinema mudo de Charlie Chaplin e Buster Keaton) perdem-se num remoinho de situações divertidas que nos remetem ao mundo em que vivemos para tentar conhecê-lo melhor.

Há pessoas que são donas de muito e outras que são donas de nada. Isto está visto que é pura obra do acaso, porque os donos de tudo poderiam ter nascido donos de pouco e ser donos de muito os que nasceram donos de quase nada. Os que nada têm muito querem ter e os que muito possuem mais querem conquistar. O mundo dá voltas, reviravoltas, saltos, cambalhotas e ficamos todos de pernas para o ar. Vamos lá ver se nos entendemos. Se tão rápido a vida passa porque será que a gente passa a vida a querer ter muito quando finalmente não é preciso quase nada?

DoNoDoNaDa revela com humor e ironia que os seres humanos perdem demasiado tempo a lutar para ganhar e esquecem-se completamente que o que é bom mesmo... é brincar.

Sobre a companhia

A Companhia Certa é um braço da Varazim Teatro, Associação Cultural com trabalho em torno da cultura teatral desde 1997, sediada na Póvoa de Varzim. A Varazim Teatro é a entidade responsável pela programação da Temporada Teatral na Póvoa de Varzim desde 1998 (com apoio da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim) e pelo É-Aqui-in-Ócio – Festival Internacional de Teatro que acontece, desde 2007, pelo início do Outono na mesma cidade. Nascida em 1997 a partir de trabalho Associativo, a Associação foi crescendo e realizou em 2006 o seu primeiro espectáculo de carácter profissional. Desde essa data tem desenvolvido actividade profissional continuada. Sendo uma Associação com múltiplos eixos de actuação, deu-se a necessidade de criar, no seio da Varazim Teatro, uma nova marca Cultural: A Companhia Certa. Todo o percurso que culmina com a criação da Companhia Certa levou à sedimentação de uma identidade própria, reconhecida pelo público local e pelos seus pares. Esta identidade assenta na criação de espectáculos de recursos técnicos minimalistas com temáticas de grande intervenção social e pesquisa de novas formas de relação do espectáculo com o público. Assim e desde Abril de 2018 a Varazim Teatro também é a Companhia Certa.

Ficha Técnica e Artística

Criação e encenação: Gonçalo Guerreiro | **Interpretação:** Eduardo Faria | Joana Luna | Joana Soares

Criação musical: Paulo Lemos | **Cenografia:** Gonçalo Guerreiro | **Figurinos:** Gonçalo Guerreiro e Joana Soares

Desenho de Luz: Gonçalo Guerreiro e José Raposo | **Assistente de Cenografia:** Hugo Carvalho

Confecção de Figurinos: Adélia Agra | **Fotografia:** José Carlos Marques | **Vídeo:** João Rei Lima - www.jworks.pt

Formação em Contexto de Trabalho: Teresa Pinhão em parceria com a JOBRA

Produção Executiva: Joana de Sousa

POURQUOI LES VIEUX, QUI N'ONT RIEN À FAIRE.. TRAVERSENT-ILS AU FEU ROUGE

*Porque será que os velhos,
que não têm nada para fazer...
Atravessam no semáforo vermelho?*

COMPANHIA DE TEATRO

COLLECTIF 2222

(França)



Porque será que os velhos, que não têm nada para fazer... atravessam o semáforo vermelho?

DATAS . LOCAIS

21 OUT SANTIAGO DO CACÉM
QUINTA-FEIRA . HORA A DEFINIR
Auditório Municipal António Chainho

22 OUT V. N. SANTO ANDRÉ
SEXTA-FEIRA . HORA A DEFINIR
Auditório ESPAM

23 OUT SINES
SÁBADO . HORA A DEFINIR
Auditório Centro de Artes de Sines

BILHETES: 5€ / 3€ *

DURAÇÃO: 70min

CLASSIFICAÇÃO: M6

LOCAIS DE VENDA:

- Auditório Municipal António Chainho
- Centro de Artes de Sines
- Teatroteca – Centro de Actividades Pedagógicas Alda Guerreiro

consultar a página 54 para visualização dos pontos de venda bem como **desconto em bilhetes**

Sobre o espectáculo

Uma manhã, num lar de idosos, morre um velhinho. Um outro chega. É a rotina. Os jogos de cartas continuam, assim como os exercícios desportivos e de memória. Hoje, festeja-se o aniversário da centenária.

Envelhecidos e desgastados, procuram dar sentido a sua existência no convívio e nas actividades de grupo da instituição. Mas para uma velhinha isso já não é possível. Finita la commedia, ela já não tem vontade de representar. O pessoal auxiliar e colegas dão-lhe forças diariamente. Que diabo! A vida é sagrada. Pouco lhe importa, a pequena senhora, quer é acabar com os seus dias.

Entre o burlesco e o drama, este espectáculo questiona a velhice e o final da vida. Com subtileza, o colectivo questiona os tabus à volta da terceira idade e procura pelo humor e a técnica da máscara falar da intimidade e daquilo que faz com que sejamos crianças ou velhos, seres autónomos capazes de fazer escolhas.

De corpo perdido

A nossa formação é de teatro físico, um teatro onde a palavra só chega quando o corpo já disse tudo, quando há verdadeira necessidade. Representar tudo e falar unicamente quando isso for indispensável. Porém há palavras ditas entre os dentes, afogadas pelo barulho do rádio, repetidas vezes sem conta. Queremos trabalhar o texto pela sonoridade, como um tapete sonoro que acompanha a partitura física.

A velhice presta-se ao teatro físico, na vida só se tem consciência do corpo quando ele dói. Servelho é não o poder esquecer. É um estado "físico" por excelência. O corpo dita as suas regras e toma o poder, o intelecto está ao serviço dos seus movimentos.

A velhice tem uma relação com o tempo. Deixa os atores em espera, os seus corpos ficam num espaço e num tempo que se prolonga mais do que o necessário. Altera a acção do tempo quotidiano, substituindo o dinamismo da vida por uma simultaneidade de situações em cena.



Ficha Técnica e Artística

Encenação: Thylda Barès | **Elenco:** Victor Barrère (França) | Andrea Boeryd (Suécia) | Paul Colom (França) | Elizabeth Margereson (Inglaterra) | Ulima Ortiz (Colombia) | Tibor Radvanyi (França) | **Técnico:** Clémentine Pradier

Máscaras quase completas

Utilizamos a máscara para acentuar/destacar o olhar, para deixar as mãos representarem, para que cada movimento seja essencial. Como tratamos temas complexos, as máscaras trazem um distanciamento teatral.

Para isso, trabalhamos com o nosso fabricante de máscaras Lucien Cassou, para encontrar uma matéria de máscara que fosse teatral, desfasada da realidade. Próxima dos tons de pele e dos cinzas. Em meia máscara para permitir a possibilidade de sons.

As máscaras também são uma forma de questionar as nossas representações do envelhecimento. As máscaras de mulher em corpo de homem e o contrário levam a reflectir sobre o género. Qual a nossa feminilidade/masculinidade quando se envelhece? Como nos redefinimos quando a sociedade já não precisa de nós? Será que ficam algumas especificidades ligadas aos nossos géneros? Fica alguma sexualidade? A máscara permite uma grande liberdade de temas e de verdades.

É por isso que só as personagens idosas terão máscaras. Não serão usadas pelo pessoal auxiliar nem pelos visitantes. Isso dar-lhes-á mais liberdade de palavras e de movimento, dando a ver essa transferência onde o cuidador pensa e age pelo paciente. Onde a pessoa tratada se encontra desprovida das suas acções, vontades e onde as máscaras tornam-se símbolos de opressão.

ESCOLA INTERNACIONAL DE TEATRO JACQUES LECOQ

Pedagógica

A pedagogia da escola desenvolve-se em dois anos ao longo dos quais um duplo caminho é perseguido: por um lado a pista do jogo, da improvisação e das regras, por outro a técnica dos movimentos e sua análise. Estas duas pistas são completadas pelas auto-aulas onde se elabora o teatro dos alunos.

O objectivo da escola é a realização de um jovem teatro de criação, portador de linguagens onde o jogo físico do comediante esteja presente. O acto de criação é suscitado de forma permanente, principalmente através da improvisação, primeiro traço da escrita. A escola tem como objectivo um teatro de arte, mas a pedagogia do teatro é mais vasta do que o teatro em si. Não se trata só de formar comediantes, mas de preparar todos os artistas do teatro: autores, encenadores, cenógrafos e actores. Uma das originalidades da escola é de dar uma base, tão vasta e permanente quanto possível sabendo que depois cada um escolherá nestes elementos o seu próprio caminho.

A escola reúne cada ano jovens actores de cerca de 30 países diferentes. É um local de trocas onde a mistura de culturas traz ao ensino uma ressonância que aprofunda a sua pesquisa por um fundo poético comum.



História

Dia 5 de Dezembro de 1956, Jacques Lecoq funda a escola em Paris. Em 1976, a escola instala-se definitivamente no Central, um antigo ginásio tornado um lugar muito popular do boxe do início do século XX. Construído em 1876, o prédio situa-se no número 57 do Faubourg Saint-Denis no 10ème bairro de Paris.

Jacques Lecoq

Da educação física à descoberta do teatro

No dia 15 de Dezembro de 1921, nasce Jacques Lecoq em Paris. Em 1937, começa a sua orientação para o ensino da educação física e do desporto. De 1941 a 1945, ele é mestre de educação física e desportiva, monitor diplomado das federações francesas de atletismo e de natação. O seu empenho na educação física aproxima-o de Jean-Marie Conty, responsável da educação física, amigo de Antonin Artaud e de Jean-Louis Barrault.

Em 1945, Jacques Lecoq faz os seus primeiros passos como comediante ao lado de Gabriel Cousin com quem funda um grupo teatral. Depois, Jean Dasté recruta-o para a sua companhia, os "Comediantes de Grenoble" e o encarga do treino físico e corporal dos seus colegas. Ele descobre o trabalho da máscara, mas também o espírito de Copeau de quem ele afirma ter herdado, indirectamente.

A descoberta da Comedia Dell 'Arte

Em 1948, Jacques Lecoq parte para Itália onde permanecerá oito anos. Em Pádua, ele descobre a Comedia Dell 'Arte nos mercados da cidade e monta as suas primeiras pantomimas no Teatro Universitário. Ele conhece o escultor Amuleto Sartori e empreende com ele uma pesquisa sobre máscaras; dessa colaboração nasceu entre outras, a máscara "neutra". A pedido de Giorgio Strehler e de Paolo Grassi, ele participa na criação da escola do Piccolo Teatro em Milão. Seguirá uma actividade de encenador e cenógrafo. Ao lado de Dario Fo, Franco Parenti, Luciano Berio, Anna Magnani... ele procura novos gestos para a música contemporânea, a revista, a ópera e mete em movimento os coros da tragédia grega em Syracuse.

Em 1956, regressa a Paris para abrir a sua escola de mimo e de teatro. Cria também a sua própria companhia, trabalha no T.N.P. com Jean Vilar e na televisão.

Depois, o desenvolvimento da sua escola obriga-o a dedicar-se exclusivamente à pedagogia.

A pedagogia e o LEM

De 1968 a 1988, Jacques Lecoq, é professor na escola Nacional Superior das Belas-Artes, e desenvolve um ensino da arquitectura a partir do corpo humano, do movimento e da mimo dinâmica.

Em 1977, ele cria o L.E.M. (Laboratório de Estudo do Movimento), departamento cenográfico da escola. Membro da união dos Teatros da Europa, Jacques Lecoq foi convidado no mundo inteiro para dirigir estágios e fazer conferências, que contempla a sua conferência - espectáculo "ToutBouge".

Com o objectivo de concretizar a pedagogia de Jacques Lecoq, Patrick Lecoq filmou, em 1983, os dois anos de ensino na escola.

Por outro lado, uma estreita colaboração dos dois anos (1997 e 1998) com Jean-Gabriel Carasso, Jean-Claude Lallias e Jean-Noël Roy resultou na publicação de um livro intitulado "Le Corps Poétique" e a realização de dois filmes de quarenta e cinco minutos cada um, difundidos pela televisão francesa.

Alguns dias antes da sua morte, dia 19 de Janeiro de 1999, Jacques Lecoq dava aulas na sua escola.

Foi Fay Lecoq, sua mulher, que retomou a direcção da Escola Internacional de Teatro Jacques Lecoq. Desde o desaparecimento desta em 2012, a sua filha Pascale é a directora da Escola e do LEM.

A CORAGEM DA MINHA MÃE

*Oficial alemão eu, pessoalmente, sou vegetariano.
É extraordinário, mas só de imaginar comer carne
morta, repugna-me*

George Tabori, a coragem da minha mãe

COMPANHIA DE TEATRO

ARTISTAS UNIDOS

(Portugal)

DATAS . LOCAIS

11 NOV SINES
QUINTA-FEIRA . HORA A DEFINIR
Auditório Centro de Artes de Sines

12 NOV V. N. SANTO ANDRÉ
SEXTA-FEIRA . HORA A DEFINIR
Auditório ESPAM

13 NOV SANTIAGO DO CACÉM
SABADO . HORA A DEFINIR
Auditório Municipal António Chainho

BILHETES: 5€ / 3€ *

DURAÇÃO: 60min

CLASSIFICAÇÃO: M12

LOCAIS DE VENDA:

- Auditório Municipal António Chainho
- Centro de Artes de Sines
- Teatroteca – Centro de Actividades Pedagógicas Alda Guerreiro

consultar a página 54 para visualização dos pontos de venda bem como *desconto em bilhetes



Sobre o espectáculo

A improvável salvação da mãe de Tabori, por ele contada, aquando da deportação de 4.000 judeus de Budapeste para Auschwitz em Julho de 1944. Em 1979 estreia *A Coragem da Minha Mãe*, a resposta subversiva de Tabori à aplaudida *Mãe Coragem* de Brecht. Originalmente um conto, esta peça é uma homenagem à sua mãe e está impregnada de doçura e lirismo, honrando uma mulher que conseguiu invocar a sua coragem inesperadamente, salvando-se do inferno. Tendo como ponto de partida a história real da sua mãe, Tabori relata como Elsa, com cinquenta e cinco anos, sendo presa em Budapeste no Verão de 1944 e deportada com quatro mil judeus, consegue salvar-se afirmando que a sua prisão é ilegal. Em vez de seguir para Auschwitz, Elsa dá por si num comboio de regresso a Budapeste. Em *A Coragem da Minha Mãe*, não faltam pormenores cómicos, de sugestão surreal, muitas vezes em tom de farsa. Na verdade, os textos de Tabori fazem rir, ou pelo menos, repetidamente, sorrir. Aquilo a que Tabori chama vagamente a sua abordagem dialéctica é um teatro que promove a subversão, interpolação, fragmentação e inversão de expectativas, é evidente no texto e na produção de *A Coragem da Minha Mãe*. Tabori apresenta ao público o que poderia chamar-se uma paródia de um conto de fadas dos tempos modernos.

Sobre o autor

George Tabori (1914-2007), húngaro, alemão, inglês, americano, austríaco, judeu, é o século XX, atravessou-o, inventando, sobrevivendo, cheio de encantos, manhas e seduções (terá, como dizia, sido namorado de Greta Garbo?) e com infindo sarcasmo. É dos que, no dizer do seu amigo Brecht, mudaram "mais vezes de terra do que de sapatos", este "homem que sabia demais", no dizer de outro homem com quem trabalhou, Hitchcock. Revelado em Portugal em 1999 pela Comuna e pelo Cendrev, a sua obra (fundamental como Primo Levi) está editada, com traduções de António Conde e José Maria Vieira Mendes. Sardónico, cruel, um génio.



Ficha Técnica e Artística

Tradução: António Carlos Conde | **Com:** Pedro Carraca, Antónia Terrinha, Hélder Braz

Vozes de: Carla Bolito, Américo Silva, Pedro Caeiro, António Simão, João Meireles, Tiago Matias, Nuno Gonçalves Rodrigues, Jorge Silva Melo | **Cenografia e Figurinos:** Rita Lopes Alves | **Luz:** Pedro Domingos

Som: André Pires | **Encenação:** Jorge Silva Melo | **Produção:** Artistas Unidos

Estrutura financiada pela DGArtes / Ministério da Cultura

Jorge Silva Melo: Teatro e Cinema são formas de “estar com os outros”

Com uma longa e reconhecida experiência na arte de contar histórias, no écran realizador e em palco, Jorge Silva Melo vê no cinema e no teatro simultaneamente duas formas “diferentes e parecidas de estar com os outros”.

A ligação ao cinema e ao teatro começou na juventude, quando escrevia críticas para o suplemento juvenil do Diário de Lisboa. Aos 72 anos, conta dezenas de produções, como argumentista, actor, encenador e realizador, mas é ao teatro que se tem dedicado mais nos últimos anos.

O fundador do Teatro da Cornucópia (1973) e, mais tarde, dos Artistas Unidos (1995), diz que hoje ambas as manifestações artísticas “definham”, com salas de cinema a desaparecer e auditórios com pouco público, situação agravada agora pela pandemia: “os tempos não estão fáceis para esse encontro com os outros”.

“Consequiremos viver sem nos abraçar?”, questiona.

Esteve desde muito cedo ligado ao teatro mas também ao cinema. Como conciliou estas duas vertentes diferentes de contar histórias?

(...) Para mim são actividades bastante parecidas. São contar histórias com actores, com falsas pessoas, com pessoas verdadeiras, procurar a verdade através da mentira. Estar com os outros. O teatro tem essa qualidade extraordinária em que, desde o primeiro ensaio até ao último, estamos com muita gente, estamos no meio de muita gente, estamos com os outros. No cinema estamos mais isolados, embora possamos estar com muita gente, mas estamos mais fechados na nossa persistência, na nossa vontade. Mas para mim são duas maneiras diferentes e parecidas de estar com os outros.

O papel de uma e de outra forma de arte tem mudado na vida social ao longo dos anos. Como interpreta esta mudança?

Neste momento ambas definham. O cinema deixou de ser em salas. Quase não há salas, haverá cada vez menos. O cinema é uma coisa que vemos no telemóvel, (...) que está nos electrodomésticos.

O teatro é uma coisa que está cada vez para menos récitas, cada vez menos pessoas, cada vez mais parecido com a ópera, uma celebração da sociedade para muito pouca gente. Isso entristece-me. Não foi esse o meu sonho, não foi isso que eu pensei. Pensei e pensavamos naquilo a que Roland Barthes chamava o teatro popular, um teatro com certeza difícil, não acessível a toda a gente, mas acessível a toda a gente. Ou seja, um teatro de pensamento que a despertasse a vontade de conhecer outras vidas, outras pessoas, outros conflitos. Para mim são as duas coisas que são fundamentais quer no teatro quer no cinema, esse encontro com os outros.

Mas os tempos não são fáceis para este encontro com os outros. A morte das cidades que o Covid veio anunciar, remetendo-nos a todos para dentro das casas (...), a morte das cidades que já estava prevista, mas que agora vai ser consagrada irá ainda permitir encontrar-nos em sítios comuns? Em sítios onde possamos estar juntos? A respirar? A tossir? Conseguiremos voltar a estar sem nos abraçar?



Nos últimos anos tem estado a trabalhar mais em teatro e com a preocupação de formar novos talentos. Transmitir o conhecimento é importante para si? Porquê?

Claro que me preocupa a formação de novos talentos num país e numa história que foi definindo tanto. Não me esqueço de uma vez em 95 ou 96 em Portalegre. Estávamos a fazer um ensaio de 'O Fim' e ao meu lado estava a grande actriz Glicínia Quartim, que via no palco o jovem actor Ivo Canelas. Desenvolto, alegre, exercitando-se, treinando-se para o ensaio que ia acontecer daí a 10 minutos. E ela disse: estás a ver estes rapazes são uma grande conquista do 25 de abril. Esta desenvoltura e esta disponibilidade não havia antes. Éramos todos uns paus de vassoura, muito direitinhos tentando, perfilados para uma sociedade que não queríamos, mas não sabíamos estar, era um corpo salazarista, mesmo o dos anti-salazaristas. Agora não, agora os talentos são extraordinários. Há imensa gente que terá alguma dificuldade em se afirmar, com certeza, dificuldades culturais, com

certeza. Se eu puder estar com eles, não é a ensinar-lhes, não é a transmitir-lhe aquilo que eu sei, é a conversar. A conversar simplesmente com outras pessoas que podiam ser meus netos neste momento e de quem gosto, fazem a luz dos meus dias. Mas não é, digamos, a formação.

De todos os desafios que teve ao longo da sua carreira para produzir espectáculos de teatro, fazê-lo durante uma pandemia é o mais desafiante? Em que medida?

Trabalhar durante a pandemia não foi fácil, foi complicado, ensaiamos muita coisa que não chegamos a mostrar. Temos neste momento três espectáculos prontos que não sei quando poderemos mostrar. Não há salas para os mostrar, não há cidades onde os possamos mostrar. Estamos engarrafados a tentar meter o Rossio na Rua da Betesga. Estamos vivos e isso é bom. Como é que vai ser depois disto? Não sabemos, não podemos saber, nunca imaginámos que isto nos iria acontecer. Praticamente um ano em que estamos fechados em que não nos vemos. Conseguimos sobreviver materialmente e moralmente. E esteticamente conseguiremos? Conseguiremos viver sem nos abraçar?

PRIMEIRO AMOR

Um monólogo de Samuel Beckett

PEDRO DIOGO

(Portugal)



DATAS . LOCAIS

25 NOV SANTIAGO DO CACÉM
QUINTA-FEIRA . HORA A DEFINIR
Auditório Municipal António Chainho

26 NOV V. N. SANTO ANDRÉ
SEXTA-FEIRA . HORA A DEFINIR
Auditório ESPAM

27 NOV SINES
SÁBADO . HORA A DEFINIR
Auditório Centro de Artes de Sines

BILHETES: 5€ / 3€ *

DURAÇÃO: 60min

CLASSIFICAÇÃO: M12

LOCAIS DE VENDA:

- Auditório Municipal António Chainho
- Centro de Artes de Sines
- Teatroteca – Centro de Actividades Pedagógicas Alda Guerreiro

consultar a página 54 para visualização dos pontos de venda bem como *desconto em bilhetes

Sobre o espectáculo

"Primeiro Amor" é um conto de Samuel Beckett, autor consagrado com um Prémio Nobel da Literatura. Uma narrativa na primeira pessoa com as condições perfeitas para ser interpretada em monólogo teatral, um texto muito desafiante, raras vezes representado no panorama teatral português. Apresenta-nos um homem solitário, com problemas de sociabilização bastante peculiares, senão bizarros. Num monólogo intimista, dirigindo-se directamente a quem o escuta, a personagem revela os aspectos mais profundos da sua alma e da sua vivência mundana, num discurso trágico-cómico típico de Beckett. É um ser especial, "fora da caixa", que nos conduz pela sua primeira (e talvez única) experiência amorosa, provocando no espectador empatia e cumplicidade. "O nosso problema é falar com as pessoas", ironiza num texto que se dirige claramente às Pessoas, à Humanidade, não obstante a sua afirmação de que "as pessoas são verdadeiramente estranhas". Uma surpreendente história, de ritmo ágil, favorável à imersão no jogo do intérprete na sua partilha com o público. Teatro feito olhos nos olhos - actor e espectador. Uma obra tipicamente Beckettiana, escrita pouco tempo antes do seu primeiro texto para teatro, por ventura premonitória do seu legado dramaturgico. Um actor, uma história e o público. Teatro na sua essência.

Sobre os criadores

Pedro Diogo e Rui M. Silva têm em comum uma raiz, fizeram os dois a mesma "escola", a Técnica da Máscara. O que para eles é diferenciador desta técnica é que ela contém nos seus princípios uma ética do trabalho do actor, mas seguindo esta metodologia não somos conduzidos necessariamente a uma determinada estética.

A Técnica da Máscara constitui-se para eles como uma espécie de vocabulário, de ferramenta, de discurso cénico que serve de âncora ao trabalho que têm desenvolvido ao longo dos anos, mas não uma âncora de constrangimento, pelo contrário, acreditam que a Técnica da Máscara potencia a criatividade do actor e é absolutamente libertadora por isso. A Técnica da Máscara chegou-lhes primeiro com o Filipe Crawford. Os dois desenvolveram depois esta técnica com o Nuno Pino Custódio em diversos projectos em que participaram como actores. Mais tarde foram trabalhando com outros criadores que desenvolveram o seu trabalho partindo também desta técnica, nomeadamente o Miguel Seabra.

Beckett é um dramaturgo que conhecem a fundo. Já um e outro fizeram espectáculos com textos de Beckett. Confessam a sua "paixão" pelo universo Beckettiano. Assim, neste encontro, propõem-se congregar o trabalho de dramaturgia, encenação e interpretação do universo de Beckett espelhado na obra "Primeiro Amor", partindo da premissa para eles fundadora e essencial do teatro, o encontro entre o actor e o espectador.

Ficha Técnica e Artística

Tradução: Francisco Luís Parreira | **Direcção:** Rui M. Silva | **Interpretação:** Pedro Diogo
Concepção Plástica: Brigite Oleiro | **Desenho de Luz:** Rui M. Silva | **Produção:** Pedro Diogo
Apoio Técnico: João Branco Cordeiro | **Design Gráfico:** Marta Gaspar
Vídeo (em desenvolvimento): Nevena Desivojevic

KARNAVAL

...when they are on stage, it seems that if the world slowed its pace or the earth began to rotate in the opposite direction. Their performances are mysteries. Without saying a word they reveal the soul to the audience and those who saw them once can no longer remain indifferent

Novaya Gazeta

COMPANHIA DE TEATRO

GIRAFFE ROYAL THEATRE

(Estónia)



DATAS . LOCAIS

9 DEZ SINES
QUINTA-FEIRA . HORA A DEFINIR
Auditório Centro de Artes de Sines

10 DEZ V. N. SANTO ANDRÉ
SEXTA-FEIRA . HORA A DEFINIR
Auditório ESPAM

11 DEZ SANTIAGO DO CACÉM
SABADO . HORA A DEFINIR
Auditório Municipal António Chainho

BILHETES: 5€ / 3€ *

DURAÇÃO: 60min

CLASSIFICAÇÃO: M6

LOCAIS DE VENDA:

- Auditório Municipal António Chainho
- Centro de Artes de Sines
- Teatroteca – Centro de Actividades Pedagógicas Alda Guerreiro

consultar a página 54 para visualização dos pontos de venda bem como **desconto em bilhetes**

Sobre o espectáculo

"Karnaval" é uma performance visual de teatro físico na tradição do palhaço branco, técnica delicada e requintada, que quase desapareceu nos dias de hoje.

A performance é sobre o mundo do carnaval, que existe paralelamente ao nosso. Às vezes o tempo pára e o carnaval invade as nossas vidas. É sobre como um mundo se transforma noutra diferente e o espectador é capaz de o sentir. Nas mãos do homem aparecem magicamente caneta e papel e a Musa dá-lhe o desejo de escrever. Um herói afunda-se no mundo das imagens e as suas fantasias tornam-se realidade, elas entram no nosso mundo.

Esta performance tem várias linhas de percepção e cada espectador pode ver à sua maneira. São belezas, experiências, filosofias, signs e símbolos místicos, semelhantes ao nosso quotidiano, se olharmos mais de perto. Visualmente lembra fotos de um livro infantil, a acção vai de um mundo a outro sem se dar por isso.

"Karnaval" foi apresentado e muito apreciado em palcos na Estónia, Eslovénia, Rússia e Bielorrússia e no festival internacional de teatro "Belaya Vezha" (Brest, Bielorrússia) recebeu o prémio especial da crítica.

Este espectáculo é adequado para crianças e adultos. Esta é uma conversa sobre coisas igualmente importantes, independentemente da idade e do sexo.

Sobre a companhia

É uma equipa única à sua maneira, o seu trabalho tem as suas raízes nas tradições místicas do carnaval, proporcionando uma liberdade interior incrível. Por mais de um quarto de século, "Giraffe Royal" trabalhou no género de teatro visual. No cerne do método criativo está o estudo profundo do palhaço, do folclore, da pantomima, da dança ritual e do teatro de rua.

Essas capacidades, além de uma forma especial apresentada no palco, são o segredo de seu incrível poder de influência sobre o público.

Eles viveram e criaram em Paris, Londres, São Petersburgo, Moscovo, etc. Eles colaboraram com estrelas internacionais como: Terry Giliyam, Slava Polunin, Anton Adasinsky, Andron Konchalovsky, Shusaku Takeuchi entre muitos outros. Receberam vários prémios pelo seu trabalho, entre elas o festival de cinema de Berlim "Golden Bear" e o Primeiro Prémio no concurso de balé russo em Moscovo.

Ficha Técnica e Artística

Criação e interpretação: Stanislav Warkki, Larissa Lebedeva e Anna Varkki

A LAGOA

VICTORMAR

(Portugal)

DATAS . LOCAIS

MAI a JUN

SANTIAGO DO CACÉM
Auditório Municipal António Chainho

SET

SINES
Centro de Artes de Sines

OUT

V. N. SANTO ANDRÉ
Escola Secundária Padre António Macedo

Nota do autor

Chega-se por caminho perpendicular ao mar escondido pelo areal, de que apenas se escuta o som cavo do bater de ondas.

Aí no cruzamento, onde noutros tempos se acamaradava em abaladiças, olha-se à esquerda e alcança-se uma pequena parte da sua imensidade. Eis a Lagoa, de nome próprio de Santo André!

Em frente, entre duas paralelas traçadas pela natureza, corre o Atlântico de um lado e a Lagoa de outro. Ao fundo, transversal, uma duna esconde a garganta ora aberta ora fechada, por onde se fundem as águas, uma vez por ano, num ritual que aos da Lagoa não cansa de ver.

O areal imenso, converte a pequenez do Homem num minimalismo de rara beleza. É como se a imensidão tornasse o infinito numa escala humana singular, qual beleza que se deixa capturar fotograficamente pela luz que lhe desenha contornos e relevos.

Neles se converte o engano do que está verdadeiramente longe e próximo.

Vira-se as costas ao Oceano e contempla-se a duna à direita e, do lado esquerdo, o ancoradouro. As águas serenas são atravessadas à força de braço por remos manejados por pescadores que, na serenidade de experiência tranquila, lançam as redes que hão-de prover ao paladar e à tradição.

Victor Horta

Sobre a exposição

As fotografias de Victormar, pseudónimo de Victor Horta, reflectem sempre um ponto de vista muito personalizado sobre o mundo, devolvendo-nos os lugares mais comuns com perspectivas novas e surpreendentes.

Tanto a cores como a preto e branco, a arte do fotógrafo revela-se também na mestria da captação dos contrastes de luz e sombra, na valorização por vezes minimalista dos planos de água, da terra e do céu. É difícil não nos deixarmos hipnotizar pelo movimento dramático das nuvens, pela dimensão da paisagem, onde minúsculas figuras humanas nos dão a escala do espaço e do tempo.

Esta exposição não pretende ser uma descrição documental da Lagoa, na multiplicidade de formas e de ocupação humana ao longo do ano mas apenas um conjunto de belas imagens desta Lagoa tão fotogénica, captadas pelo autor, no reencontro com esta região quarenta anos depois de aqui ter exercido o primeiro ano da sua carreira docente.

Mário Primo

Biografia do autor

Victormar - pseudónimo de Victor Horta

Nascido na aldeia de Torre das Vargens, distrito de Portalegre, 1951. Professor nos ensinos preparatório e secundário. Licenciado em História. Mestre em História de África. Tese "África no imaginário cinematográfico português"



Exposições:

"Escombros" – 2017 - 18ª MITSA, Vila Nova de Santo André; Fórum Municipal Luísa Todi - Setúbal;

"Luz e Sombras" – 2018 - Vila Nova de Santo André; Auditório António Chainho em Santiago do Cacém; Biblioteca Municipal S.Domingos de Rana – Cascais; Centro de Artes de Ponte de Sor.

- **Cobertura fotográfica de espectáculos de teatro e música** - 18ª Mostra Internacional de Santo André – Homenagem a Zeca Afonso no 30º aniversário da sua morte.

- **Cobertura e produção fotográfica de espectáculos das companhias:** GATO SA (Vai Vem, L'Esquisse, Auto da Índia, Hot Tea); WARSAW MIME CENTER COMPANY de Varsóvia (Água de Lágrimas, Gogol, Marcel); LENKA VAGNEROVÁ de Praga (Avant Tout); ULIMA ORTIZ Franco/Colombiana (Femme Hybride).

2018 - **Selecionadas 3 fotos**, no universo das melhores 24 finalistas concorrentes, durante a World Press Photo no hub do Beato, Lisboa, patrocinado pela revista Visão e Galp.

Instalação permanente de 28 painéis fotográficos de 1,90 m por 1,73 m alusivos ao concelho de Almada no âmbito da remodelação do Hotel Mercure

EXPOSIÇÃO

NOS BOSQUES DO DEMO

NÉ MAGALHAIS

(Portugal)

DATAS . LOCAIS

MAI a JUN

SINES
Centro de Artes de Sines

SET

V. N. SANTO ANDRÉ
Escola Secundária Padre António Macedo

NOV

SANTIAGO DO CACÉM
Auditório Municipal António Chainho

Nota do autor

As máscaras são as caras "outras" à frente das caras, que por meio delas se escondem.

Artefactos de um processo expedito de ocultação/negação da aparência fisionómica singular da identidade individual humana, que é a face, o rosto, a cara. Agentes da negação do epíteto identitário de excelência, pela anteposição alteritária deliberada de um (ante) rosto-de-disfarce que oculta, esconde e refigura a verdadeira aparência da face que é mascarada.

O mascarado, de máscara à frente da cara, empossado de uma identidade extranatural, assume-se (a seu bel-prazer) mensageiro tanto do divino como do luciferino.

Porém, em "Andam Faunos Pelos Bosques", a máscara transvestiu-se de face do Homem. Embuçados pela Capa de Asperges, mensageiros do divino, seduzidos e amoriscados pelos prazeres mundanos, descem à condição de mortais pecadores.

Né Magalhães

Sobre a exposição

6 peças de madeira de Salgueiro, de Bordo, de Plátano, de Sobreiro e de pinho, trabalhadas a formão e goiva em contexto educativo.

O criador é também o mestre que se serve da arte como instrumento de motivação e desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da técnica dos seus alunos, não como escola de arte mas como arte ao serviço da escola. Assim as obras nascem participadas por aprendizes e artesãos do mester da escultura e da descoberta da arte e dos seus processos criativos.

Máscaras inspiradas na obra "Andam Faunos pelos bosques" de Aquilino Ribeiro.

Na rudeza invernal da serra, o Homem sobrevive em luta permanente entre as necessidades e instintos com a superstição, a credence e os designios da fé regida por sacerdotes da douta igreja. Para encobrir a cedência ao apelo lascivo da carne e do desejo apela-se ao desconhecido, à vontade demoníaca e recuperam-se na mitologia clássica e popular os faunos, os sátiros e os silvanos.

Aos sacerdotes, a quem Aquilino espia as suas vidas públicas e privadas, os segredos mal escondidos e a fé, cabe encontrar justificações para o desconhecido, mas eles são também protagonistas do mesmo conflito...

Mário Primo

Biografia do autor

Né Magalhais, pseudónimo de Manuel Simões, nasceu em 1966 no coração da Beira Alta, Viseu.

Tendo crescido numa cultura profundamente rural, desde cedo se deixou encantar pelas suas paisagens naturais e humanas, pelas tradições dos povos serranos, pelos contos e lendas do imaginário das suas gentes, fatores que viriam a influenciar algumas das suas expressões artísticas.

Concluindo estudos na área da Engenharia Civil, licenciou-se posteriormente em Artes Plásticas, tendo feito mestrado em Educação Visual e Tecnológica. Dedicou-se à docência em 1988, atividade que continua a exercer no Agrupamento de Escolas de Santo André.

Desde 1989 a 2021, participa em 17 mostras e exposições em:

Abraveses; Vildemoinhos; Sernancelhe; Viseu; Oliveira de Frades; Penalva do Castelo; Sátão; Vila Nova de Santo André; Sines; Santiago do Cacém.



EXPOSIÇÃO

N261

PAULO PINHEIRO

(Portugal)

DATAS . LOCAIS

MAI a JUN

SINES

Centro de Artes de Sines

SET

V. N. SANTO ANDRÉ

Escola Secundária Padre António Macedo

NOV

SANTIAGO DO CACÉM

Audatório Municipal António Chainho

Nota do autor

Depois da frequência do Ensino Secundário numa área científico-tecnológica, optei pelo prosseguimento de estudos em Belas Artes, embora me tenha decidido especificamente pelo curso de Arquitectura. Até aí, esta tinha sido uma "actividade" que nunca me havia despertado qualquer tipo de chamamento e aquela decisão, iria, nos dois anos iniciais, custar-me cara.

Para além do enorme desgaste anímico, fruto da eterna inadaptação à "cidade capital", o prosseguimento dos estudos era francamente penoso, principalmente no que se referia à cadeira fulcral do curso: Projecto. Uma parte desse estado de coisas devia-se ao docente da cadeira que, repudiado pela generalidade dos alunos, emanava uma postura de marcada sobrançeria e, acima de tudo, encontrava-se empenhado em fazer baixar ao máximo a auto-estima dos mesmos. Ironicamente, seria durante o contexto de aula que eu, a propósito de "despojamento", segundo recorde, senti uma nova apreensão sobre Arquitectura que jamais supus poder vislumbrar. Segundo ele, teria surgido durante o Estado Novo uma proposta dirigida a todos os ramos das Artes Plásticas com vista à realização de uma peça ou intervenção no promontório de Sagres. Felizmente, e apesar de nada haver sido construído, o docente passou a descrever uma das propostas apresentada por um Arquitecto que granjeava a sua preferência. A um

determinado nível, entre a superfície da falésia rochosa e abrupta e o nível do mar, seriam escavados dois túneis cilíndricos de grande diâmetro e profundidade, paralelos entre si e nivelados em relação ao mar. No interior de ambos, ao fundo, seriam instalados dois potentes projectores, funcionando apenas de noite, os quais, de focos igualmente paralelos, orientar-se-iam para o infinito. Esta disposição significava que apenas os navios que navegassem a uma grande distância do promontório poderiam aperceber-se de dois olhos na escuridão – e mesmo assim de forma efêmera – até ultrapassarem a linha dos focos.



O impacto provocado pelo relato prendeu-se, em primeiro lugar, com a obtenção da forma, retirando-lhe toda a matéria. Um outro factor, de primordial importância, era o conceito da existência concreta de todo o "objecto" sem a possibilidade de ser apreendido por parte de quem se encontra sobre a falésia ou no mar próximo. Finalmente a luz, o elemento central na noite, paradoxalmente imaterial e efêmero, dirigido apenas ao observador longínquo.

Paulo Pinheiro

Sobre a exposição

Ao enorme fascínio suscitado por faróis, candeeiros de rua e, modernamente, pelos aquecedores exteriores a gás que remetem para candeeiros de pé alto, nunca havia questionado a sua origem. Há pouco tempo, dei por mim a redescobrir memórias de infância, iniciando-se todo o processo de forma fulgurante na noite, através de um acontecimento vivido num farol; por coincidência, ou talvez não, exatamente no farol do Cabo de Sines. Julgo, por outro lado, que parte da atração por faróis reside igualmente numa percepção ancestral e irracional de esta construção albergar, simultânea e harmoniosamente, os quatro elementos primordiais; terra, água, ar e fogo.

Um outro fascínio, desta vez contundente, respeita a construções em alvenaria de pedra não aparelhada, o qual não me surpreenderia ter origem, ou no mínimo uma forte influência, nos antigos molhes, dos quais felizmente resta um exemplar, da Ribeira de Sines.

Sobre as peças de madeira, estas resultam essencialmente de um desafio auto imposto, no sentido de utilizar meios escassos (um serrote de ferro, um canivete e cola). Ao desenvolver os objetos, através de painéis de madeira laminada serrada por mim, é possível conferir-lhes resistência mecânica e, sobretudo, uma leveza bastante notória, acabando a forma por quase decorrer do processo, tornando-se o menos importante.

Paulo Pinheiro

O QUE É O TEATRO?"

TERRITÓRIO ARTES

Direcção-Geral das Artes

DATAS . LOCAIS

MAI a JUN

V. N. SANTO ANDRÉ | SINES
Escola Secundária Padre Antonio Macedo
Centro de Artes de Sines

SET

SANTIAGO DO CAÇÉM
Auditório Municipal António Chainho

OUT

SINES
Centro de Artes de Sines

Sobre a exposição

Esta exposição, promovida pela Direcção-Geral das Artes, constituiu um desafio para quem, como eu, há largos anos se vem ocupando do estudo e do ensino da história do teatro. Ao propósito de divulgar por todo o País esta arte e a sua história juntava-se o desejo de nela incluir a memória do teatro feito em Portugal. A escassez de documentação anterior ao século XVI e as dificuldades de acesso às fontes textuais e iconográficas foram determinantes para as opções tomadas. Creio, todavia, que a exposição aqui patente permitirá reapreciar o lugar do teatro produzido em Portugal na cultura europeia, graças ao cruzamento que o observador é convidado a fazer, quer entre imagens de diversa proveniência, quer entre estas e o texto.

Procurou-se encontrar um modo rigoroso de falar de uma arte que se caracteriza pela confluência de diversas linguagens, pela efemeridade das suas práticas e pela repercussão social e cultural que possui.

As principais dificuldades encontradas foram obviamente as que se prendiam com a massa de informação relevante a gerir. Dois mil e quinhentos anos de teatro não cabem em duas dezenas de painéis e qualquer selecção implica dar relevo a ou ocultar aspectos sempre importantes para o fazer da história. Na verdade, não existe uma história do teatro, existem histórias do teatro consoante as perspectivas pelas quais abordamos essa forma de expressão artística da humanidade.

Optei então por construir um discurso, composto de palavras e imagens, através das respostas às perguntas encerradas na pergunta que dá nome à exposição: O que é o teatro? Do significado original da palavra até à memorabilia que também constitui o teatro evanescente, é possível ficar a saber o que ele é descobrindo quem o faz e porquê, onde é feito, quem o vê, quem cria condições para que exista, como é feito, de que modo se relaciona com outras artes, que lugares ocupa na vida de uma sociedade. Cada painel apresenta-se, portanto, como uma unidade informativa autónoma, ainda que, por vezes, seguidora da ordem cronológica. Percorri centenas de imagens e procurei que elas falassem em plano de igualdade com o texto, em alguns momentos bastando segui-las para perceber o que vai mudando na arte, mas também de que modo cada contexto cultural em cada momento viu e fixou a imagem do teatro que existiu ou que sonhou.

O maior voto que fazem todos os que participaram na árdua e excitante tarefa de preparar esta exposição é de que ela seja fonte de descoberta, de surpresa e de estímulo para ir ao teatro.

Maria João Brilhante
Centro de Estudos de Teatro



O QUE É O TEATRO
MCC |  | **GRUPO TEATRO TERRITÓRIOARTE5**

ESTÉTICA DA ILUMINAÇÃO TEATRAL

DANIEL WORM D'ASSUMPCÃO

Daniel Worm

Daniel Worm nasceu em Lisboa em 1964. Desenhador de luz independente iniciou a sua carreira profissional de técnico de luz em 1984, trabalhando em instituições como Ballet Gulbenkian, ACARTE, Teatro Nacional S. João (Porto) e Teatro Camões – Expo'98. Desde 1987 que desenvolve o seu trabalho de iluminação em colaboração com encenadores, coreógrafos e compositores como Constança Capdeville, João Natividade, Clara Andermatt, Margarida Bettencourt, Aldara Bizarro, Rui Lopes Graça, Duarte Barrilaro Ruas, Ricardo Pais, Luís Miguel Cintra, Giorgio Barberio Corsetti, Christine Laurent, Nuno Carinhas, Fernanda Lapa, Francisco Camacho, Lúcia Sigalho, Miguel Loureiro, Carlos Pimenta, Paula Diogo, Joaquim Horta, Nuno Nunes, Tim Carroll, Inês de Medeiros, John Romaço, Luca Aprea, Pedro Penim, Tonan Quito, Paulo Castro, Patrícia Portela, Jorge Andrade, Paula Sá Nogueira, entre outros.

5 A 8 JULHO

V. N. SANTO ANDRÉ

Escola Secundária Padre António Macedo

SANTIAGO DO CACÉM

Audatório Municipal António Chainho

SINES

Centro de Artes de Sines

Uma formação de 4 dias destinada prioritariamente aos técnicos dos auditórios que recebem os espectáculos do LITORAL EmCena mas aberta também a outros técnicos da região. Uma abordagem da problemática da iluminação de cena segundo a visão estética e a longa experiência de trabalho de Daniel Worm.

Desde há cerca de 20 anos que recebemos em Santo André espectáculos iluminados pelo Daniel Worm. Em duas ocasiões especiais pudemos acompanhar de perto o seu processo criativo. Por um lado, no espectáculo "Shall we Dance", que a companhia PRAGA em 2003 realizou em Santo André no âmbito de uma residência artística patrocinada pela AJAGATO; por outro lado, contamos com a sua colaboração técnica e criativa na iluminação do espectáculo "Bucha & Estica" fruto de uma parceria entre o GATOSA e a TRUTA em 2011.

Para o GATOSA estes momentos deram a oportunidade de uma aprendizagem informal e foram de grande importância na evolução do conhecimento técnico e no processo de selecção de novos equipamentos a adquirir. Para nós o Daniel Worm passou a ser uma das maiores referências em matéria de iluminação artística de cena sempre com soluções surpreendentes e inesperadas. Deste modo, ao decidirmos incluir uma formação para os técnicos dos auditórios envolvidos neste projecto LITORAL EmCena o nome de Daniel Worm d'Assumpção surgiu com naturalidade como primeira opção.

CHOREODRAMA

LIONEL MÉNARD

Lionel Menard

Em 1987 Lionel Ménard descobre Marcel Marceau com quem trabalha durante dez anos na sua companhia. No contexto da preparação de um guião de cinema, ouve Alexandro Jodorowski e depois de uma boa refeição torna-se o instrutor do actor Ticky Holgado. Depois de várias audições, consegue finalmente entrar para a companhia de Philippe Genty. Apostando num disco de música contemporânea, traz o Quarteto Arditi para o palco. Passa uma semana com Michael Jackson e Marcel Marceau a preparar "Childhood" para a HBO e escreve um pequeno guião para um serão de Philippe Glass no Carnegie Hall. Claude Lelouch oferece-lhe o papel de Jesus numa trilogia e trabalha como coreógrafo para Jean Paul Goude e Lea Seydoux. A partir das Gymnopédies (três composições para piano escritas pelo francês Erik Satie, publicadas em Paris a partir de 1888) cria "Bonjour Monsieur Satie" na Konzerthaus de Berlim, além de encenar Bodecker & Neander. É convidado a escrever e montar um espectáculo para os mais pequenos na Filarmónica do Luxemburgo, encena "The Snark" no Festival de Sydney com Scott Kohler e "Out of the Blue" com Alexander Neander e Wolfram von Bodecker no Festival Valencia, na Venezuela. Manipula um pássaro para François Morel e tenta pôr François a dançar, depois conhece Bartek Ostapczuk em Dresden, um prelúdio para diversos trabalhos na Polónia...

Estes encontros levaram Lionel a viajar pelos quatro cantos do mundo. Contudo, o trabalho de que mais se orgulha foi representado apenas uma vez e nunca saiu das suas quatro paredes – tratou-se da encenação de "La Volière" (O aviário) no Centro Penitenciário de Fresnes, França, para prisioneiros a cumprir penas longas.

28 A 30 OUTUBRO

V. N. SANTO ANDRÉ

Escola Secundária Padre António Macedo

A criação de um espectáculo, como a progressão de um estágio, é uma aventura que pode ser considerada de diversos modos.

No meu caso, e dada a natureza do meu trabalho, assemelha-se a uma migração: o grupo assume o papel da espécie mas, tal como esta última, o grupo é, simultaneamente, a forma e a fonte da viagem.

O itinerário é determinado pelos constituintes, o momento, os atores. Gosto de usar o termo *choreodrama* para o destino final. De facto, coreografias dramatizadas são as formas cénicas mais apropriadas para transmitir o desenvolvimento da minha pesquisa.

No seu centro encontra-se o repertório de Marcel Marceau, que opõe as fantasias de Philippe Genty à intensidade da imagética de Paul Goude.

O que gera movimento num *performer*, como guiar, encorajar e elevar um artista na execução da sua atuação.

Como habitar o corpo de alguém ao longo de uma performance, acima e além da técnica ou das instruções de um encenador.

Continuar a aceitar o convite para representar, para jogar o jogo, para correr riscos, para olhar de novo e de novo encontrar prazer, de modo a que as regras não causem um nado-morto.

Tornar a sua presença palpável, acima e além da preparação mental que cria uma atenção plena em tudo: o performer assemelha-se a um atleta de alta competição que vai para pista, consciente de que isto é fútil, mas que é toda a sua vida."



BILHETEIRA

POSTOS DE VENDA

SANTIAGO DO CACÉM

AUDITÓRIO MUNICIPAL ANTÓNIO CHAINHO

Terça a sexta-feira: 10h00 às 12h30 / 13h30 às 16h00

Encerra: Segundas-feiras e feriados, salvo se nesses dias estiver agendado algum espectáculo

Dias de espectáculo: 1 hora antes

Reservas: +351 269 750 410 | auditorio@cm-santiagocacem.pt

SINES

CENTRO DE ARTES DE SINES

Dias úteis: 10h00 às 18h00

Sábados: 11h00 às 17h00

Reservas: +351 269 860 080

VILA NOVA DE SANTO ANDRÉ

TEATROTECA – CENTRO DE ACTIVIDADES PEDAGÓGICAS ALDA GUERREIRO

Dias úteis: 10h00 às 18h00

Encerra: Fins-de-semana, salvo se nesses dias estiver agendado algum espectáculo

Dias de espectáculo: A bilheteira abre no Auditório da ESPAM 1 hora antes

Reservas: +351 269 751 296 / +351 914 706 503 | geral@gatosana.net

A venda de bilhetes apenas será efectuada na semana da realização do espectáculo.

A reserva de bilhetes poderá ser efectuada após divulgação do espectáculo.

A reserva deverá ser levantada até meia hora antes do início do espectáculo.

5€ Público em geral

3€ Menores de 18 anos maiores de 65 anos e sócios da AJAGATO





Litoral
EmCena

 @Litoral.EmCena

 @litoral.emcena